

No Sporting-Belenenses .

Amaro, o hábil médio, entrava
a acção do fogaoso Peyroteo

(Foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 42 * 22 DE SETEMBRO DE 1943

E O PÚBLICO

A nova série da «Stadium» responde a uma fase de transição.

Perdido o contacto com o público durante alguns meses, todo o nosso esforço dirigente tem visado ao restabelecimento desse contacto mais íntimo que é a ligação entre qualquer jornal e os seus leitores habituais. De modo geral, podemos afirmar que a organização de um periódico é, sempre, um problema complexo. A preocupação constante é desempenhar a respectiva função em condições de provocar o interesse do público — e merecer a sua preferência.

Nesta fase de transição, que procurámos tornar rapidamente definitiva, temos perguntado a nós próprios se a revista tem correspondido às suas tradições, e se tem criado, entre os leitores, um público afecto à sua orientação. Um jornal é, fundamentalmente, um órgão de doutrina e direcção. Mas é, também, de certa maneira, um órgão de atracção. De um lado, há que pensar na doutrinação que constitui a sua essência. Por outro, temos de procurar o fundo de simpatia que constitui a base da sua existência. Um jornal não vive de abstrações — vive de realidades.

Até agora, temos a impressão de que o corpo de doutrina expresso na «Stadium», a orientação da sua função directiva, o apuro das suas atitudes, o valor da colaboração, o espírito do desinteresse com que, em mais de uma oportunidade, diligenciamos servir as necessidades do desporto, a própria movimentação de algumas iniciativas, por tudo isto, temos a impressão — dizíamos — de haver contribuído para restabelecer, e manter em limites lisonjeiros, o contacto entre a nossa revista e os seus leitores. Temos, sem dúvida, criado um público que baste à sua expansão e que aprecia o esforço desenvolvido.

Bastaria tal facto como título de satisfação para nós. Mas um recente incidente veio provar que, entre o público afecto à «Stadium», há verdadeiras dedicações, que não hesitaram em sair a terreno em termos de simpatia e camaradagem que muito nos penhoraram — e penhoram. Dando a tais manifestações de simpatia o relêvo da referência, e agradecendo-as por este modo, recebemo-las principalmente como estímulo.

E quanto ao futuro, brevemente os nossos leitores e amigos terão ocasião de verificarem até onde desejamos — e podemos chegar.

DIVERSOS clubes do norte encontram-se em situação de franco desenvolvimento. Um deles é o Vitória Sport de Guimarães, que tem tirado excelente resultado de propaganda com o seu comportamento no campeonato nacional de futebol.

O Vitória de Guimarães vai ter nova sede, mais ampla e mais central. A inauguração constitui motivo de festa para o simpático clube.

O desporto corporativo conquista, gradualmente, novas facilidades de expansão. E merece a melhor simpatia, principalmente quando praticado e organizado à margem dos clubes e de provas entre atletas especializados. Merecem, por isso, bom acolhimento todas as iniciativas que se mantêm dentro deste espírito.

ORGANIZADOS pela Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, realizam-se, sábado e domingo próximos, no novo campo de jogos «Afonso de Albuquerque», da FNAT, em Belém, os campeonatos corporativos de atletismo.

As provas em preparação só podem concorrer atletas que, pertencendo a organismos corporativos, não disputem provas oficiais inter-clubes.

A expansão do futebol sofre por vezes variações bruscas nas suas directrizes. Em Viana do Castelo, capital de distrito com boas tradições no futebol, há um só clube a disputar desafios do popular desporto. Em contrapartida, vai ser inaugurado um novo parque de jogos em Castelo de Paiva, pequena vila sobranceira ao Douro, nas proximidades da Entre-os-Rios.

As correntes migratórias do futebol vão mudando de rumo... Caprichos do destino!

ESTÁ em preparação um festival digno da simpatia do público — pela sua oportunidade. Trata-se da festa de homenagem a Silva Ruyvo, um grande nome na iniciação do «box» entre nós.

Antigo campeão de pugilismo, antigo pugilista profissional, bravo e valente — foi, ainda, excelente professor da nobre arte. E acredita que Silva Ruyvo precisa que não nos esqueçamos dele — em tudo.

ALGUMAS das determinações federativas sobre campos de futebol, quanto a dimensões e acomodações para jogadores e público, podem produzir dificuldade do aproveitamento de vários terrenos de jogos.

Encontra-se em condições que obrigam a obras o estádio municipal de Penafiel. A Câmara Municipal não as tem feito e o Sport Clube de Penafiel, não as podendo fazer de sua conta, corre o risco de abandonar o referido estádio. Para concorrer ao respectivo campeonato distrital, terá de recorrer ao campo do outro clube, mesmo em concelho diferente.

ANO XI — Lisboa, 22 de Setembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 42

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19.3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

COMEÇOU o futebol. Mas não é preciso desiludi-lo, nos jornais. O público sabe-o, pela antecipaço do último domingo, com o começo dos campeonatos distritais mais importantes. Foi já o princípio.

O ensaio geral de domingo anterior, para matar o ciclo, calhou num domingo de mau tempo. Para se ter bem a noção de que o futebol é desporto de inverno — houve temporal bravo... E aquilo foi à borla...

O futebol é como as primeiras chuvas — sintoma de mais um inverno que se aproxima. Podemos afirmar que começa agora o outono e que a verdade é que o futebol trás sempre as primeiras chuvas. Quando elas surge, desaparecem os desportos de verão. E é sempre assim...

OS primeiros encontros de futebol trouxeram as primeiras surpresas — e algumas desilusões.

Em Lisboa é quasi a mesma gente. Não se variou muito, o que poderia dar a impressão de seqüência. Alguns mudavam apenas de lugar — de um lado para outro.

Dos clubes que jogaram no último domingo, o mais sacrificado é o Futebol Clube do Porto. Saíram Pratas, Nunes e Florêncio, pelo menos. Correm boatos acerca de Guilhar. O seu «onze» é um grupo de gente nova. Talvez consiga assim a vivacidade que lhe faltou na época transacta.

ANALISANDO, um a um, os nomes dos jogadores que o Futebol Clube do Porto alinhou no desafio de há dois domingos, apetece formular esta pergunta:

Os clubes que concorreram para a desagregação dos campeonatos do Porto pensavam já na falta que lhes fã, para animar o campeonato nacional, um Porto cheio de valor e confiança?

QUASI todos os clubes contam dedicações invulgaras. Quando, há semanas, se festejou o aniversário do Nacional de Natação juntaram-se, nas dependências do clube, modestamente, três nomes a quem o Nacional deve serviços relevantes — Gustavo Pereira da Costa, engenheiro António Felipe Gourinho e architecto Luis Benavente.

Gustavo Pereira da Costa é o homem que, fundando, com outros nadadores, o Nacional, contribuiu depois para salva-lo num momento de crise e o está elevando agora a nível de grande plano. O engenheiro Gourinho é o construtor obsequioso das várias das suas piscinas. E o architecto Luis Benavente foi quem delineou, gentilmente, o belo parque de São Bento e o vai alindando, a pouco e pouco, quasi sem dar por isso.

POR motivo que não conhecemos, o Benfica não se fez representar nos campeonatos nacionais de atletismo. Sejam quais forem esses motivos, é sempre deplorável uma ausência desta ordem.

Um dos resultados menos felizes é contribuir para que não ostentem o glorioso título de campeão nacional, a que todos aspiram legitimamente, alguns dos melhores atletas do popular clube lisbonense. Para eles, a época actual é uma coisa em branco.

O Japão é um país em período intensivo de guerra. Não descura, porém, o problema da actividade desportiva — para a sua mocidade. E é grande o valor de alguns dos seus resultados, em vários desportos.

Para indicar um exemplo sugestivo, registamos, seguidamente, os tempos obtidos nos campeonatos nacionais de natação, nas provas masculinas:

100 metros livres — 1.º m. 1.5; 400 metros livres — 4.º m. 5.2 s.; 1500 metros livres — 19.º m. 48 s.; 200 metros brucos — 2.º m. 47 s.; 100 metros costas — 1.º m. 1.15. Não é preciso comparar com os «andásimos» portugueses, para se fazer ideia do valor afirmado.

VISTA em conjunto, mesmo colocando cada desfilio no seu degraú, é fora de dúv da que a primeira jornada do campeonato de futebol de Lisboa revela um valor que nos faz ter esperanças em relação ao futuro. Como jôgo, e sua qualidade técnica, e como competição, a jornada forneceu dois belos exemplos. O que não significa que não tenha posto ao de cima, mais uma vez, os variados defeitos do nosso futebol que, à força de serem conhecidos, quasi já não dão margem para reflexões mais ou menos bem engendradas.

A época apresenta-se prometedora. Vai ter de tudo. Bom e mau. Mais disto do que daquilo, provavelmente. Todavia, com tão pouco nos contentamos, que ter alguma coisa de bom já não é mau. No ano passado, referimo-nos — é evidente — ao ano futebolístico, a verificação de que se estava a jogar mal tinha sólidos fundamentos. Assim, surgiu uma nesga de sol no horizonte, e já aquece um pouco. Um grupo fez uma exibição magnífica. E outro, revelando conjunto, assentou o seu *association* em qualidades que sempre caracterizaram o jôgo português: energia, rudeza, improvisação, coacção no bico da bola — e aquilo que os espanhóis chamam *fúria*, p-lavra expressiva e exacta como idéia de um jôgo.

Ainda sob o ponto de vista disciplinar, faceta importante mesmo no sentido de expansão e progresso do jôgo, pelas notícias que colhemos, tudo decorreu de uma forma, senão moderada, ao menos aceitável. Apenas a expulsão de Franklin e de Barrosa, e mesmo essa originada em incidente despido de importância. E um pouco de censura em Marvila. O sr. Director Geral dos Desportos inaugurou também a época, comparecendo no Estádio do Lumiar, como que a provar que não deixará de votar a maior atenção ao futebol em todos os momentos. Os pronúncios s'ão de bom augúrio. Resta que o desenvolvimento dos torneios justifique as cores alegres que surgem, animando todos, nesta atmosfera até aqui um pouco sombria.

As surpresas. Os novos jogadores

Falou-se muito em mudança de camisolas, cores que se tingiam doutra cor. Verdadeiras surpresas! Afinal, mesmo tendo em conta que alguns jogadores novos (a expressão pode ter vários significados: estão ainda guardados na gaveta, por motivos que difere de clube para clube, o panorama assemelha-se muito ao da época transacta.

Percorrendo as fileiras que se apresentaram nas duas bandas do Lumiar e em Marvila, encontra-se, como matéria de interesse neste capítulo, o seguinte: Albano, vindo do Seixal, no Sporting; Jaime, do Sacavenense, no Benfica; e Pratas, do Pôrto, no Atlético — o bom filho que regressa à casa paterna, da qual andava por certo satisfeito...

Albano foi uma boa aquisição. Não vamos tão longe como alguns elementos do Sporting que chegam a afirmar que se trata da melhor aquisição do clube dos últimos tempos. Os exagêros são próprios dos apaixonados clubistas. A crítica deve pôr-se acima dessas paixões, já catalogadas. É inegável, contudo, que o rapaz, na idade militar, além do grande desejo de vencer, tem qualidades de intuição, domínio de bola e ligeireza de movimentos que o tornam uma unidade de mérito. Não dizemos isto por aquilo que fez — bem pouco, afinal — mas pelo que deixou adivinhar que é capaz de fazer.

Quanto a Jaime, as referências vêm-nos de um amigo que consideramos adepto de boa qualidade, espécie mais rara do que seria para desejar, o rapaz esteve pouco afeito, mas destoando um pouco do conjunto. Mesmo sendo assim, há que ter em conta tratar-se de uma estreia, não esquecendo as dificuldades de adaptação. Jaime distinguia-se no Sacavenense. Cantava de poleiro. Por que não ser uma unidade aproveitável no Benfica, o clube que, através da sua mística e popularidade, melhor sabe aproveitar os jogadores criados no seu grémio ou que para ele entram? (Ribeiro dos Reis é de opinião que Jaime é mais avançado centro do que interior).

O Benfica procedeu ao invés do Belenenses. Não teve receio de fazer a experiência em encontro difícil. Porque a verdade é que tinha à mão o interior Pires, o jogador exemplo de vivacidade, com um fim na época passada que



ESTÁ EM JÔGO UM TÍTULO...

ANÁLISE DA 1.ª JORNADA DO CAMPEONATO DE LISBOA E SEUS ASPECTOS FUNDAMENTAIS

por TAVARES DA SILVA

recordamos ainda. Pelo contrário, o Belenenses não se meteu em aventuras. Preferiu Quaresma, cujas possibilidades já conhecia, ao novel avançado-centro vindo do Leixões na boa altura, isto é, o conhecido ao desconhecido. Sensato princípio.

A inclusão de Pratas não é por si só elemento justificativo da vitória *atlética*, em Marvila. No entanto, ela deve ter contribuído para o caso. Pratas está no ambiente próprio. Os seus conhecimentos e a sua forma elegante de jôgo devem valorizar o conjunto. E valorizam-no. Todavia, é justo afirmar que a desgraça tocou à porta do Pósforos.

O Belenenses em jôgo

Já no ano passado afirmámos que o Belenenses era o grupo que, apesar de perder os campeonatos (a prova de que uma das peças principais estava a funcionar mal) melhor futebol produzia. Pelo menos, futebol mais agradável e vistoso, conscientemente widdo, idéia pura de *association*. E não nos admiraria que o *team* fizesse, agora, um mau começo de temporada. A forma é uma linha sinuosa. Attingido o ponto de saturação, o *team* desce para depois subir, e assim sucessivamente. Com maior ou menor rapidez. Esta lei da forma é inexorável, dependendo de muitos factores. Pois bem. A excelente forma belenense mantém-se, e queremos crer que a tendência se manifesta no sentido da subida. Sabemos que um grão de areia chega, às vezes, para alterar o rumo dos grupos. De repente, por exemplo, a falta de um elemento de categoria ou uma inesperada derrota. Mas o nosso julgamento deve ser necessariamente actual. E não pode ser melhor. O grupo está afinado, notando-se a boa colaboração das suas células. Em dizer expressivo, tratava-se de um grupo constituído individualmente por boas unidades que sabe fazer o jôgo de conjunto.

O *team* de Belém afirmou-se mais uma vez. A bola esteve muito mais tempo nos pés dos belenenses do que nos dos sportingistas. Aquêles não só chegavam em geral primeiramente à bola, como souberam tirar partido dessa vantagem, organizando ataques do mais fino quilate, em desenhos graciosos, e atendendo igualmente à defesa, à qual nunca faltou a devida consistência (apontam-se somente alguns deslizes de Salvador).

Assim se ganha em beleza. Pelo contrário, o Sporting nem beleza teve na derrota. Porque, por vezes, quando se perde, é-se superior ao adversário, ou quasi igual, em vários aspectos. O *team* mostrou-se desconjuntado. E sem frescura. Não perdeu, é certo, a sua experiência e o seu saber revelados ainda na colocação no terreno, em obediência ao sistema da marcação de Szabo. Sucumbiu, no entanto, por falta de rapidez, e por não haver ninguém capaz de orientar o jôgo, subordinando ao interesse colectivo o esforço de cada um. De resto, essa tarefa é específica dos interiores, e esses passaram o tempo completamente desorientados. Quere dizer, em vez de orientar — desorientavam-se.

O «team» dos grandes momentos

Já temos dito que um *team* não deve ser escravo de sistemas. Um *team* português, entenda-se. Porque o jogador português, exaltado por dá cá aquela palha, com sangue a referver nas veias, nunca poderá ter nem a frieza nem a calma neces-árias para a aplicação ordenada e lúcida de um sistema puro. Por isso se deverá criar uma fórmula (não excluimos o estado da mecânica do jôgo) em que caibam as qualidades tradicionais do jogador português, as próprias da raça portuguesa. Salta à vista que

obrigar um jogador português a comportar-se em campo precisamente da mesma forma que um hungaro ou um inglês, não é orientação inteligente e própria. Ora, aquelas referidas qualidades tradicionais acham-se concentradas no Benfica. O ardor, a impetuosidade e a alma com que os seus jogadores actuaem em campo justificam as suas vitórias, embora o *team* acuse porventura maiores deficiências técnicas do que outros. Só aquêles requisitos tornam possíveis triunfos como o de ontem, a transformação de uma derrota de 3-0, a dezoito minutos do fim, em vitória de 5-0, o ultimo goal feito quasi ao soar o apito definitivo.

Julgamos, mesmo, que nenhum outro clube, presentemente (o Belenenses, quando em pleno desenvolvimento da escola do sãdoso Artur José Pereira, era capaz de cometimentos iguais), seria capaz de se portar tão gloriosamente. Há algumas pessoas que desdenham desta faceta benfiquense — que torna o clube inconfundível no movimento desportivo do país. São as pessoas que não querem ver, que se comprazem em negar a realidade.

Porque o Unidos é um grupo, dentro e fora do seu campo, mas que, principalmente no Lumiar A, não pode deixar de ser adversário a ter em conta. Quem ali vai não tem a certeza de arrancar os pontos da tabela. Só dando o todo pelo todo. De resto, ao que parece, o grupo deu boa conta do recado, revelando coesão e valor, embora lhe faltassem alguns elementos, entre os quais Eduardo Santos, o guarda-rêdes das mãos que abarcam a bola.

Pois bem. Foi contra um grupo *assim* que o Benfica venceu na última fase do encontro. Tudo ao ataque, e cada jogador com a idéia de vencer, nada de preciosismos. Os rendilhões são bonitos, mas ineficazes. O que conta é a bola nas rédes. Esta característica, ontem, distinguiu o Benfica de todos os outros. No estádio do Lumiar verificou-se abundância de passagens. Ao lado, o Benfica, liberto dessa influência (definitivamente?) produziu uma lição de eficiência, fazendo afinal os passes necessários para o fim em vista.

Jogadores em destaque

Citemos em primeiro lugar Azevedo e Martins, os dois rivais de ontem, no bom sentido da palavra, que rivais hoje continuam a ser. Azevedo, investido nas funções de capitão, fez defesas prodigiosas de equilíbrio e visão, collocando-o com perfeição nas rédes. Esse mesmo sentido de colocação afirmou Martins, o guarda-rêdes calmo, seguro e preciso.

Simões, o melhor da defesa belenense, magnífico de velocidade e do despacho da bola. E Galvão, um valor a aproveitar. E Leonel, pela sua segurança, experiência e firmeza.

Como médios, lembramos Albino, um exemplo vivo de apaixonado pelo jôgo, que cumpre ainda o seu lugar com energia que os *novos* certamente invejarão; e Baptista, um homem que sabe o que está a fazer em campo, que defende e ataca.

Nos avançados, a lista apresenta-se mais cheia: José Pedro, Quaresma, Franklin, Eloy, Albano e Pratas. E por aqui ficamos a respeito da 1.ª jornada. Já a pensar no próximo domingo. Mas sem dizer nada a ninguém....

A II DIVISÃO

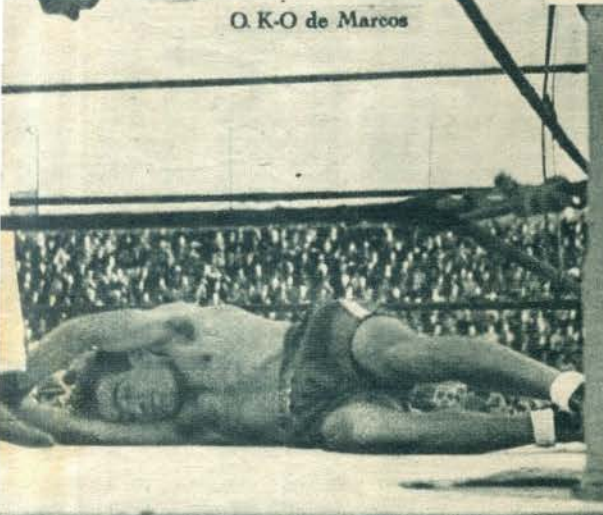
COMEÇOU no último domingo mais um campeonato da II Divisão da A. F. L. — o décimo da série.

A jornada inaugural, desconhecidas as constituições das equipas concorrentes, a sua preparação, tudo, enfim, que pode influir no re-

(Conclua na página 11)



O. K-O de Marcos



BENI LEVY bateu PEIRÓ!

O combate Peiró-Levy era aguardado com vivo interesse pelo público que, sustentado pelo desfecho de Barcelona, ansiava por assistir à desforra e, como é natural, aclamar a vitória do seu favorito.

Com efeito, Levy ganhou ao 9.º assalto, por abandono de Peiró que, esgotado, anteviu um round final cheio de dificuldades e uma punição implacável. As suas possibilidades já então se achavam reduzidas à feliz colocação de um sôco duro e decisivo que atirasse ao solo o seu antagonista. Nada mais poderia mudar o curso dos acontecimentos. E como Levy, embora igualmente cansado, desse mostras de ter energia para prosseguir no ritmo enladrado dos últimos assaltos, Peiró levantou a mão em sinal de abandono, confessando-se vencido.

Desde o primeiro instante do choque entre o catalão e o moçambicano se viu a diferença de estilos e de meios físicos em presença.

Peiró, de estatura med, de formas arredondas e incertas, coberto de uma camada adiposa uniforme, não deixou a impressão do pugilista em serviço activo no ring, mas apenas do reservista que é chamado para suprir uma falta na última hora.

Como pudera aquela figura desajeitada bater de modo tão decisivo o campeão de Portugal, ali presente, mostrando as suas formas harmoniosas e trabalhadas pela cultura física?

A resposta veio, imediatamente depois dos primeiros assaltos, quando Levy mostrou a sua enorme inferioridade defensiva e as frequentes situações em que se torna alvo fácil para um contra-ataque. A mobilidade permanente de Peiró, a maneira inteligente como sai e entra no terreno do adversário, suprimindo a deficiência dos seus braços curtos com o bom emprego das pernas, além de anular os ataques a distância de Levy proporcionava meios para o socar em contras de duplo vigor. Por seu turno, Levy não tem mobilidade nos membros inferiores e não se move no ring judiciosamente. As suas esquivas são do tipo denominado ducking e não faz o side-stepping que, retirando o corpo inteiro, lhe proporcionava, acto-contínuo, a continuação do ataque. Levy, desajudado por um longo pescoço, compromete a miude a segurança do queixo e expõe a cabeça, que se torna alvo fácil. Acrescente-se a isto que o espanhol desfaça os golpes de uma fracção de tempo, bastante para que os seus sôcos em série acertem percorrendo linhas interiores, e a derrota de Barcelona explica-se tanto como a difícil vitória de domingo no Campo Grande.

O espanhol é um alvo movido e rápido de mais para um jogador pouco móvel como Levy. O que é para louvar, e disse alguns espectadores não se aperceberam, foi o modo inteligente como se dispôs a trabalhar, reservando-se para os assaltos finais e não se empregando de início, antes se mostrando receoso e na defensiva. Se tem entrado sem qualquer reservas, com Peiró manejando o dinamite em condições de explodir no queixo, teríamos assistido à repetição do que houve em Barcelona. Levy empregou-se depois do 5.º round e, com a antevisão acertada dos factos, arriscou-se a jogar tudo por tudo. Dêsse plano estratégico, mais do que da sua técnica, lhe adrelo a sua vitória merecidíssima.

Para os nossos leitores que não puderam assistir ao espectáculo passaremos a fazer a descrição sumária. Peiró levava nítida vantagem em peso (67,700 contra 64,700) mas essa vantagem correspondia à massa de gordura que o envolvia.

O primeiro assalto foi pouco animado e de vantagem para o catalão, que esboçou alguns ataques e acertou alguns socos bons à cabeça. Levy, de-masiado contraído, não arriscou os seus golpes.

O segundo assalto foi mais mexido. O espanhol, sempre com grande mobilidade de pernas, attingiu a cara e o corpo de Levy com duros hooks, largos e rápidos. Levy respondeu também, mas espaçadamente. Vantagem de Peiró.

O terceiro assalto foi de igualdade. Beni Levy, que até agora se limitava a ripostar, esboçou dois ataques, ao corpo e à cara do catalão, que foi tocado, mas aos quais respondeu com violência.

No quarto assalto o combate tomou aspectos de grande dureza. Peiró e Levy, ora um ora outro, agram golpes largos à cara e ao corpo. Para o fim do round nota-se que Levy persegue o seu antagonista através do ring. Ligeira vantagem do campeão português.

(Continua na página 15)

Três momentos da luta Levy-Peiró



Peiró vai levantar-se — para desistir...

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1 — João Jacinto Santos Silva, campeão de Portugal dos 400 e 800 metros. — Impressão geral do estilo favorável, baseada nos seguintes pormenores correctos:

1 e 1-A — Movimento de braços sem oscilações exageradas e dentro dos preceitos que tempo sempre aconselhado na escola sportinguista: o cotovêlo, quando vem adiante (1-A) pouco ultrapassa a linha do flanco e o ângulo do antebraço abre, para evitar o impulso ascensional do punho atirado para cima; o braço que se desloca para traz (1) fecha o ângulo de flexão do cotovêlo, de maneira que o trabalho dos antebraços decorre quasi em absoluto em plano horizontal e sentido antero-posterior. Esta forma de oscilar os braços, dando movimento às duas articulações, possui ainda a vantagem de facilitar a descontração e libertar a caixa tóraxica para o seu serviço respiratório. Repare-se ainda no movimento de báscula da cintura escapular, compensador da oscilação do eixo pélvico e garantia de perfeito equilíbrio estático.

2 — A perna posterior está descontraída e o pé subiu bem acima do solo; vai agora flexir-se, aproximando o calcanhar da nádega, condição essencial para a boa oscilação do joelho adiante e possibilidade de alargamento do compasso.

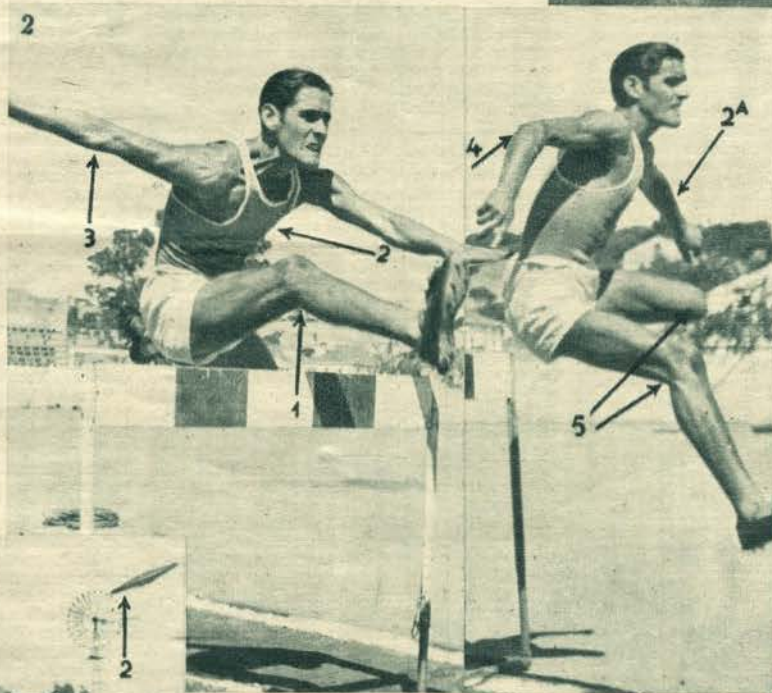
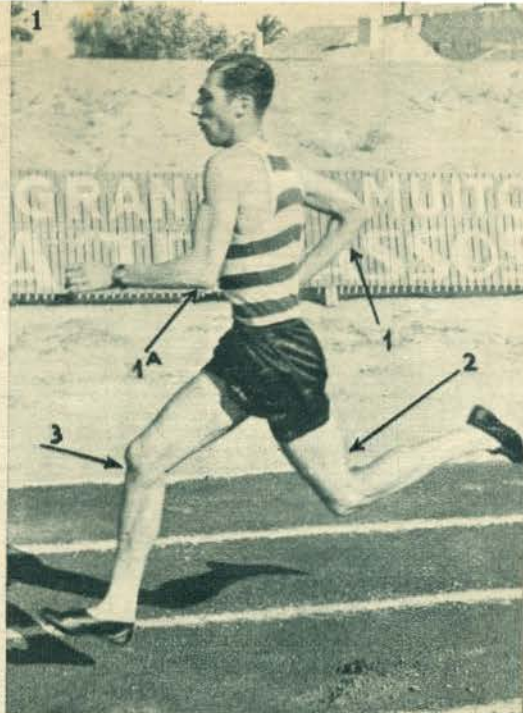
Mas nem tudo é bom, na atitude do corredor, porque,

3 — existe um acentuado ângulo de flexão na perna que vai para o apoio, o que

diminui prejudicialmente a amplitude da passada; o exame atento da prova fotográfica mostra o encordoamento (releve-se a expressão) dos músculos do grupo extensor da coxa, sinal de que atingiram o limite da elasticidade. A posição defeituosa do ataque da perna é, por conseguinte, corolário de uma insuficiente distensão gymnástica dos músculos antagonistas e torna flagrante a necessidade para o atleta de uma cuidada preparação física durante o inverno.

2 — António José Pereira, campeão nacional dos 110 metros barreiras. — Posições de ataque e saída da barreira, a segunda mais correcta do que a primeira.

1 — Flexão desnecessária e contraproducente da perna de ataque, provando insuficiên-



cia de trabalho de gymnástica preparatória;

2 — O tronco está convenientemente inclinado à frente, auxiliando a subida para o obstáculo, mas a posição dos braços é exagerada e traduz um desequilíbrio reprovável; o braço esquerdo veio ainda à frente, como devia, mas foi forçado a afastar-se lateralmente em extensão (2-A), movimento de nenhuma vantagem para a passagem de barreira,

3 — e o braço direito foi atirado estendido para fora e para traz, em contração forçada e retardadora. Quero crer que esta fotografia, feita em ensaio para esse fim, fora da competição, não traduz a perfeita verdade. Houve exagero no desejo de bem fazer, pois a posição imediata é muito mais correcta e não condiz com ela, excepto no já citado afastamento do braço esquerdo.

4 — Aqui, o braço direito está descontraído e prepara-se bem para executar a oscilação anterior.

5 — A perna direita baixa para o solo logo após a passagem e o joelho esquerdo aparece também puxado adiante, pronto a dar seguimento à primeira passada intermediária. O tronco recuperou a inclinação normal.

5 — Emídio Ruivo, segundo classificado no lançamento do disco. — Fase de disparo do disco, bastante imperfeita.

1 — A posição do tronco, ombro e braço, satisfaz; parece que não deve ter havido suficiente auxílio do braço esquerdo, porque se este exercesse a enérgica tracção posterior aconselhada appareceria na fotografia por detraz do tronco.

2 — O disco partiu em muito bom ângulo e perfeitamente de gume.

3 — O mal está no trabalho das pernas; o pé direito levantado com a perna em flexão a fugir do terreno que devia empurrar com força para impulsionar a anca para diante, é um erro de palmatória, e

4 — outro erro de palmatória, maior ainda, é o ponto de apoio do pé esquerdo, muito desviado para a esquerda do eixo de lançamento, a provar que a rotação no círculo foi feita em desequilíbrio para traz, fora dos mais elementares preceitos de conjugação de movimentos



Coisas que devem saber-se

II

Velódromos e corridas de pista

UM artigo anterior dissemos já, embora sucintamente, quais as características principais das bicicletas utilizadas nas provas de pista, que são, afinal, radicalmente diferentes das competições de estrada. Hoje, prosseguindo no trabalho de divulgar normas e princípios por que deve reger-se o ciclismo de competição, trataremos de elucidar o que é afinal um velódromo e como actuam nele os corredores.

Cingindo-nos, é claro, ao que está construído no estrangeiro, pois entre nós apenas existem os velódromos do Lima e do Lumiar, que têm o piso de terra batida, há por esse Mundo fora 303 pistas construídas de cimento, madeira, terra e até algumas de asfalto, devidamente inscritas nas respectivas federações de ciclismo.

O país que dá maior contingente para tal número é a França, com a bonita soma de 151 recintos. Quere dizer, só o país de Leducq tem mais velódromos que todas as outras nações do Globo.

Pistas de todos os tamanhos

Não há nada regulamentado quanto ao perímetro de pistas. Por isso construíram-se de todas as medidas, desde 100 metros — pequeno círculo de madeira existente em Munster — até 1.500, que é a circunferência do grande autódromo de Mans, também destinado a provas de bicicleta. Há ainda o velódromo de Praga, com 1.128 metros, mas o mais vulgar são as pistas de 250, 333, 400 e 500 metros.

É evidente que quanto mais pequena é a pista, maior tem de ser a inclinação do «relevo», isto para que nelas se possam disputar, regularmente, todas as corridas reservadas aos «pistards». E se são admitidas nesses recintos as provas de meio-fundo, atrás de motos, onde se atingem velocidades superiores a 80 quilómetros horários, então esses «releves» chegam a possuir 45 graus de inclinação!

Na pista do Velódromo de Inverno, por exemplo, que mede, à «corda», 250 metros, ninguém consegue trepar, a pé, ao cimo dos «releves», tal é o seu declive.

Têm todas essas pistas, sobretudo as de madeira e cimento, três faixas distintas de rolagem: a bordo de «pelouse» ou «corda azul», faixa de 60 cm. de largura, assinalada com um traço daquela cor, e que fica situada logo a seguir à «pelouse»; e a «corda» propriamente dita, com um metro de largura, a contar do traço interior; e ainda a «faixa de ultrapassagem», que compreende a metade exterior da pista e que serve para regular a passagem dos concorrentes, nas provas de meio-fundo, quando estes, atacando, pretendem adiantar-se aos adversários.

A cada traço — sua função

O primeiro traço interior das pistas limita o espaço em que o corredor pode rolar, «não estando em prova». Quere dizer: é a faixa a utilizar pelos ciclistas quando, «rendidos», estão a folgar. Por isso não pode ser aproveitado pelos corredores, seja a que pretexto for, para completarem os percursos das provas que disputam.

A «corda» propriamente dita, estão destinadas funções mais importantes e que para qualquer outra marcação, porque é mercê desses dois riscos, normalmente de cor branca, que se observa se as provas, sobretudo as de velocidade, são ou não disputadas com regularidade.

Assim, desde que um corredor role entre esses dois traços, nunca poderá ser ultrapassado, nem sequer atacado pelo lado de dentro. Adversário que tente adiantar-se pela esquerda de outro corredor, enquanto este se mantiver no interior dos dois riscos, será imediatamente desclassificado. Mas corredor que saia da «corda», isto é, que passe a rolar à direita do traço exterior, já não poderá retomar a sua antiga posição, melhor já não lhe é autorizado

(Conclue na pág. 11)

ALGUMAS APRECIÇÕES TARDIAS SÔBRE OS CAMPEÕES E OS CAMPEONATOS NACIONAIS

por SALAZAR CARREIRA

O comentador encarregado da rubrica de determinada modalidade em revista semanal com as características de «Stadium», vê-se forçado a orientar os seus escritos por critério diferente daquele que dirige as críticas da imprensa cuja publicação segue imediatamente as competições visadas.

Não pode ter preocupações de informador, porque chega atrasado; nem objectivos de comentário directo, para o qual lhe escasseiam disponibilidades de espaço.

Preenchemos — dentro desta maneira de interpretar as nossas atribuições de distrair e interessar os leitores — a crónica consecutiva aos campeonatos nacionais apenas com breves comentários gerais refinados, seguidos da apresentação de elementos estatísticos susceptíveis de merecerem o esforço de uma análise pessoal.

Sucedeu, porém, que passaram até hoje quinze dias e, em contrário da regra e sem aparente razão explicativa, nenhum crítico especializado se dignou consagrar uma linha de apreciação ao comportamento dos novos campeões ou ao aspecto conjunto dos campeonatos. Surgiu, assim, no nosso espírito, a iniciativa de redigir estas simples notas de justa referência aos homens que se consagraram pela conquista legítima de um título honroso, em competição leal que nenhuma eventualidade estranha pode afectar; porque, em desporto, tem absoluta propriedade a explicação de um conhecido aforismo dos franceses — «les absents ont toujours tort».

Os campeonatos

A ausência dos atletas benfiquistas, cuja origem de forma alguma queremos apreciar, prejudicou grandemente o brilho do torneio nacional e foi lamentada por toda a gente, começando pelos seus adversários.

Numa época de elevação de espírito desportivo pela disciplina, pelo método de organização e pelo respeito da hierarquia estabelecida, a Federação cumpriu o seu dever mantendo a-través de todas as contingências a celebração das provas nas condições previamente determinadas, mas é incontestável que os campeonatos não traduziram a verdade do atletismo português.

Foi lastimável que muitos dos melhores corredores portugueses não tivessem podido tirar todo o rendimento da sua classe, aproveitando o magnífico piso da nova pista do Sporting, cujo estado excedeu em muito as mais optimistas previsões. Sobre este ponto, as opiniões foram unânimes: atletas, técnicos, dirigentes, jornalistas, quantos a pisaram teceram unísono cântico de elogios; os defeitos só se viam de camarote.

Tenho a íntima convicção que Fernando Ferreira e Matos Fernandes perderam excelente oportunidade de atacar os mínimos das barreiras.

Em contrário da pista, o local dos saltos (concluído à última hora) e o centro do terreno, que fora revolvido e apenas cilindrado, estavam em bastante má condição e daí provêm os maus resultados do comprimento e do triplo, dos lançamentos do disco e do dardo.

A organização satisfaz inteiramente; foi igual a todas as outras. A escassez de concorrentes tornou infelizmente desnecessária a acumulação de corridas e concursos e tudo decorreu com a desejável seqüência e regularidade técnica.

Algumas deficiências verificadas foram apenas a repetição de precedentes criados; só na

estafeta feminina houve fiscais de transmissão, talvez por ser a única onde houve competição, mas escapou assim a transmissão um-dois na estafeta de 4x100 metros, que foi feita com certeza além do limite regulamentar.

Também é incompreensível a autorização de lançamentos suplementares concedida a Ester Ramos, mesmo com o aviso prévio de não homologação de resultados. Pouco antes, no lançamento do peso, havíamos indeferido pedido idêntico de Emídio Ruivo.

Os campeões

As honras do torneio cabem a Fernando Lourenço e a Olga Ribeiro, os dois campeões de velocidade; o primeiro, que no terreno do Unidos percorreu os 100 metros em 10.9 e 11 segundos, conseguiu na pista do Estádio igualar o seu «record» com uns ótimos 10.8 s., sobre os quais houve unanimidade de cronometragens; a segunda melhorou todos os seus tempos, inclusive o «record» das barreiras, e classificou-se como a imediata sucessora de Lucília Silva.

A mais agradável surpresa foi, porém, o excelente tempo de Lourenço nos 200 metros, prova que disputou pela primeira vez. E apesar de haver abrandado o andamento nos últimos metros, quando teve a meta à vista, ficou a impressão de que tem ao seu alcance, quando devidamente treinado e uma vez que adquiriu a necessária confiança, o velho tempo português de Gentil dos Santos.

É pena, é muita pena, que o futebol absorva agora a actividade do atleta, sujeitando-o ao risco permanente de uma inutilização accidental.

João Jacinto, vencedor dos 400 e 800 metros, alcançando na segunda destas provas o melhor tempo da época (sempre ouvi dizer que na terra dos cegos quem tem um olho é rei), progrediu bastante e tem futuro na especialidade. Os comentários que lhe consagramos neste número, em apreciação ao seu estilo, dispensam-nos novas referências.

O vencedor dos 1500 metros foi o português Coutinho Monteiro, um novo com muita habilidade mas ainda inexperiente, o que em distâncias de tática decisiva representa grande desvantagem. Confirmou a ótima impressão que nos deixara nos nacionais de juniores e o tempo mediocre nada diz, porque correu no Estádio contra vento tempestuoso.

O veterano Manuel Nogueira ganhou ambas as provas de fundo, correndo contra adversários que não lhe ofereceram sombra de resistência; no domingo, dadas as condições atmosféricas, quanto lhe levaria a palma nos dez quilómetros.

Os campeões de barreiras foram um veterano consagrado, António Pereira, e um júnior da época, António Araújo, que demonstrou verdadeira aptidão para a difícil luta dos quatrocentos com obstáculos. Endurecido na distância, deve baixar para o ano os seus tempos à quem do minuto.

Nos quatro saltos só houve três campeões, dado que o único concorrente à prova da vara não transpôs o mínimo: Durães ganhou com altura idêntica à do campeonato do ano passado, mas precisou de corrigir o estilo, completamente «trocado» desde o início da temporada para cá; Alvaro Dias, com todos os seus defeitos, ficou abaixo do habitual, devido às más condições da pista; e Manuel Ribeiro, vencedor do triplo, pareceu-nos apenas o mais regular de um riquíssimo lote de concorrentes.

Nos lançamentos n. da de novo, mas algumas surpresas: Cadete muito inferior ao que esperávamos do seu recente «record», e Rodrigues dentro da sua média, que não permite esperanças de progresso apreciável; Manuel Silva, melhorando no disco e no peso, mas incompreensível no martelo; Ruivo, cujo alcance com o peso é prometedor, apresentou-se em muito má forma a lançar o disco; para finalizar, aplaudamos o 25.º título nacional de Herculano Mendes, que sabe sair deixando saudades e cujo estilo de lançador do martelo não tem ainda imitadores.

Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES

Francisco Coutinho Monteiro

UM POPULAR «ARDINA» PORTUENSE
CAMPEÃO NACIONAL DE ATLETISMO

JÁ várias vezes o temos dito nas colunas desta revista: o atletismo português e tá a registar o aparecimento de nova camada de praticantes, jovens e esperançosos, de quem muito há a esperar. E, entre eles, um se destaca desde já — e prometendo «resultados» excepcionais — as suas qualidades forem devidamente aproveitadas.

Trata-se de Francisco Coutinho Monteiro, um popular vendedor de jornais, mais conhecido pelo «Eva». Envergando a camisola do Académico, venceu a 1.ª e a 2.ª, os 1.000 metros dos nacionais de júniores, com um tempo que igualou o «récord» nacional, e os 1.500 metros dos nacionais de sêniores.

A história deste rapaz, mesmo contada ao correr da pena, e em duas linhas, não deixará de entusiasmar o leitor, em frente do qual vamos colocar uma digna figura de desportista.

O conhecido «Eva» contava apenas 11 anos quando começou a sua labuta honesta pela vida, percorrendo as ruas na venda de jornais.

Aos quinze anos, e como consequência do entusiasmo que sobre o seu espírito moço exerceu a corrida pedestre, veio a figurar entre os concorrentes a uma prova para «ardinas», organizada pelo «Jornal de Notícias» e que tinha como percurso a distância compreendida entre a Avenida dos Aliados e o estádio do Lima. Foi esta a sua primeira prova — e também a sua primeira vitória!

A «semente» estava lançada... O nosso biografado passou a figurar em todas as provas populares que se disputavam. Mas não voltara a triunfar, porque os segundos e terceiros lugares lhe pareciam destinados... Passou-se isto nos anos de 1938 e 1939.

Em 1940, Francisco Coutinho Monteiro abandona as provas populares e passa a atleta filiado, representando o Atlético Clube de Espinho, onde se conserva até 1941. E nestes dois anos «parece» em 2.º nos 2.000 metros de estreates; 1.º nos 3.000 metros de principiantes, com 9 m., 35 s. e $\frac{9}{10}$ («récord» do Norte); 1.º nos 3.000 metros de júniores, com 9 m., 33 s. e $\frac{9}{10}$ («récord» do Norte); e em 4.º nos 3.000 metros dos nacionais de júniores.

Em 1942 ingressa então no Académico e é campeão de júniores na estafeta de 3x1.000; 2.º nos 1.000; 3.º nos 3.000; e 3.º nos regionais de júniores de «cross».

Finalmente, em 1943 consegue os seus melhores resultados, que nos dão já a certeza do valor deste modesto e laborioso vendedor de jornais. Nos regionais de júniores vence as provas de 1.000, 3.000 e 3x1.000. Nos nacionais de júniores ganha os 1.000 metros, com 2 m., 43 s. e $\frac{9}{10}$ — tempo este que iguala o «récord» nacional, em poder de Pires de Almeida. Nos regionais de sêniores conquista os 800, os 1.500 e os 4x500. Nos nacionais de sêniores classifica-se em 2.º nos 800 metros e vence os 1.500, com o tempo de 4 m., 29 s. e $\frac{9}{10}$.

Não se pode exigir mais de um rapaz tão jovem como ele e cuja fatigante vida profissional não permite parar para coisa séria e cuidada. Mas o «Eva», entregue tecnicamente aos seus próprios cuidados, progredindo de época para época, poderá alcançar posição de especial relevo no nosso atletismo!

O seu estilo não é ainda perfeito: a passada, já rasoável, poderá ser mais ampla; o trabalho de braços é regular, mas a posição do tronco nem sempre é a conveniente. Deve cultivar, em especial, a sua apreciável velocidade natural e treinar para os 1.500 metros, prova onde parece nos poderá alcançar «tempo» fora do vulgar.

A algumas perguntas que lhe fizemos, durante a venda dos jornais da noite, respondeu-nos assim:

— Estou satisfeito com o prémio que alcancei em uma época de preparação cuidada. Entregue a mim próprio, e aos conselhos de um ou outro amigo — não podia aspirar a mais...

«Continuará no Académico — ao contrário de certos «boatos»... — clube onde todos me têm cumulado de gentilezas, em especial os srs. dr. Alberto Martins e Danilo Couto.

«A prova de pista que mais aprecio? Sem dúvida a de 1.500 metros.

«Francisco Bastos, E. Espírito Santo, Adriano Gomes, Edgar Tamegã e Eliseu — são os atletas portugueses que eu mais aprecio. O Belenense é, dos clubes de Lisboa, o meu favorito.

«A minha maior aspiração? Ganhar uma prova de 1.500 metros em que estivessem presentes os melhores especialistas do País — e entre eles o «grande» Francisco Bastos...»

E isso é possível! — dizem nós — se Coutinho Monteiro continuar a ser atleta estudioso, trabalhador e disciplinado...

EDUARDO SOARES

Um clube, um meio e uma obra

FINDOU a época oficial de «basket-ball», aquele desporto que é o «n.º 2» na adoração popular.

No Pórtó, as competições foram sempre acompanhadas com entusiasmo, porque desde o primeiro momento a luta Vasco da Gama — F. C. do Pórtó tomou aspectos curiosos. E esta rivalidade «serviu» ótимальmente o desporto da «bola ao cesto».

No desenrolar das competições houve sempre dentro do campo admirável compostura, muito embora as falanges de apoio se apaixonassem em demasia.

Neste crepusculo da época temos a missão de retratar o esforço desenvolvido pelo S. C. Vasco da Gama na propaganda da modalidade.

Colectividade modesta, essencialmente popular, tem dado ao «basket-ball» o mais largo horizonte, mercê do extraordinário valor das suas equipas, das melhores que o «basket» português tem apresentado.

Nas falanges vascainas predomina a mocidade. Todas as suas categorias são compostas por atletas novos, dos 16 aos 24 anos. Há no clube especial adoração pelo sistema de jogo rendilhado. Algumas exhibições suas encantam os olhos, mas os resultados nem se «pre» espelham esse ritmo e esse extraordinário poder técnico.

A equipa do Vasco da Gama celebrizou-se. Pode dizer-se que é a mais popular de Portugal. E a regateira simpática, porque o público deixa-se embriagar pela maneira subtil como joga, em que os jogadores, pequenos, franzinos, procuram na habilidade o melhor refúgio para o seu pouco poder «tético».

Ten-se dito — e parece que com razão: o «basket-ball», no Pórtó, foi «criado» pelo Vasco da Gama. Ao seu esforço generoso se deve o inultrável incremento que ele tomou.

A equipa deste ano é muito moça. Há lá rapazes de 16 até 19 anos. São eles que formam a caravana, e, a despeito de contratempos inúmeros, doenças de jogadores, suspensão de uns e deserções de outros, o Vasco da Gama conseguiu coleccionar o quarto campeonato regional consecutivo. Todos os anos tem conquistado os campeonatos em todas as categorias. cremos que isto é caso singular no desporto português. Esta época perdeu apenas o de segundas.

(Conclue na pág. 14)

PREVISÕES

HAVIA certa razão nos rumores que corriam sobre o afastamento de alguns jogadores do futebol de categoria. O tempo se encarregou de os justificar...

De um ou outro já se sabe o destino, de um ou outro desconhece-se ainda o «paradêiro certo», de um ou outro não estão ainda averiguadas as intenções...

Quando estas linhas forem lidas — escritas antes do início oficial do campeonato regional — já alguma coisa mais se sabera. As deserções estarão possivelmente definidas. Outras não se confirmarão, e os «posições ausentes» terão «regressado» ao convívio dos campos triplicados, para desfruto de uns e arrelio de outros.

Mas não é isso que interessa. O que importa é o que urge acatular é os interesses da região. Mais do que tudo, está em jogo o «bri» dos portuenses.

Não nos preocupa a posição de A, B ou C, não nos acurba a possibilidade da vitória deste ou daquele clube, a maior ou menor «qualidade» deste ou d' outro «grupo». Continuamos é nos que nos preocupamos fazer — com a matéria prima de que dispomos — quando ch'garem os «acionistas».

É cedo, talvez — concordamos — para tentar prever como se desenrolará o campeonato regional ou que indicações nos darão os seus jogos. Mas o que não «de» ser «célio» é para se iram acatular os «pergaminhos da cidade», na luta que virá a seguir.

O panorama é sombrio. Já aqui o disseram. A situação do «reino» de forças é pronunciada. Braga está refugada. O seu triunfo dá-me dar ideia das suas possibilidades no campeonato maior. Iremos assistir à vitória da provincia, no norte sobre o Pórtó?

Situação confusa, inquietante para os portuenses. Pena como «chumb» no pensamento daquelas que têm pela sua terra adoração ilimitada — e admirável.

Olhando em «reio», que vemos? Grupos desmantelados, mal «cevidos», com juventude «velhos», mas para «criar cal», para se fazerem em anos de trabalho.

Escrevem antes dos primeiros jogos, com «rept».

Principalmente, para já, tais elementos não darão indicações, mesmo porque há ainda jogadores bons a «pro» var aqui e ali. Entretanto não é difícil ad «vinhar» o resto.

Lisboa melhorou as suas «hostes». O seu futebol continua sendo o melhor. Os seus grupos são completos, compactos, homogêneos.

Que nos espera? Quem nos representará? E, «cia» quem for, quem disporá do prestígio de um F. C. Pórtó, cujo nome, em campo, «va» como que fantasia «terradora»?

Assistimos ao declínio do futebol regional.

Outras modalidades estão progredindo, «es» noreando-se de predominio que lhes não pertencia. Culpa delas? Não! Culpa de quem deixou chegar o nosso futebol ao «c» em que vive.

Temos necessidade de condicionar as outras modalidades para evitar o «esborar» do futebol? A «ca» pergunta já alguém, em tempos, respondeu.

Mas as previsões são más, preocupantes. Poderão elas «devaneos»? Ou ir-se-á a tempo? Não sabemos — nem que «re» nos profetizar.

A «ver» é e «va» só: «amos» por «mau» caminho! Se este «diacer» continua...

FLOREANO BASTO

Notas... sem valor

GRANDE reboliço nos clubes da 1.ª divisão, na última semana — ante véspera do limite do prazo para as inscrições ordinárias dos jogadores. Preocupações constantes dos dirigentes dos clubes, com a «forte» resistência dos mais «exigentes»... Esforços individuais, diligências particulares para a aproximação dos «candidatos». Pouca tranquilidade nos dirigentes, com a evolução dos casos — «s» emanadas» dos jogadores mais cotados.

— Em três dias, a atmosfera futebolística modificou — e bastante — o pensamento do jogador. Uma pergunta, apenas, por espírito de curiosidade, vinda de determinado «ca» — «sentido» reservado», fez nascer na cabeça do

(Conclue na pág. 11)

A boa recuperação do **BENFICA**

foi o portmenoz em destaque na 1.^a jornada do Campeonato de Lisboa



O goal da vitória do Benfica!



Azevedo defende carregado por Quaresma, Bécrosa, Daniel e Marques seguem a jogada



Leonel ganha na disputa da bola...



Cruz e Feliciano disputam a bola



Uma excelente estirada de Azevedo



Cruz improvisado "keeper" do Fósforos, sai-se airoso numa

Marcação de pontos em combates de «boxing», medidas, pêsos e outras coisas que interessam conhecer

DEPOIS de um longo interregno, em que praticamente pouco se fez a benefício do pugilismo, a modalidade voltou a interessar. E o público soube corresponder, demonstrando entusiasmo e animando, com a sua presença, os organizadores de espectáculos do género. Quere dizer: o interesse voltou. Deve-se o renascimento do «boxing», especialmente, a Domingos Pinto, antigo praticante e campeão, que com as suas sessões populares, confiadas, tem proporcionado este desenvolvimento. «Stadium», cuja crítica tem sido sempre — e continuará a ser — feita com um cunho especial de sinceridade, — sévora, por vezes, mas sempre justa, por uma questão de princípios de que não abdicamos, — vem trazer ao conhecimento do público em geral — e até de alguns mentores que desconhecem os pormenores mais importantes deste desporto! — coisas que são fundamentais em regras de «boxing» e importa conhecer.

Poucas são, infelizmente, as pessoas que entre nós conhecem, com exactidão, as regras para a marcação de pontos nos combates de «boxing». Sabemos até que algumas, desempenhando funções de comando, desconhecem estes simples pormenores por completo — e acabam por «dar bofats»... E o público, em grande parte, desconhece igualmente como e quando devem marcar-se pontos! Por isso «Stadium» vai elucidar, aproveitando-se, para a circunstância, de aquilo que a tal respeito precitavam os regulamentos da «International Boxing Union». Dir-se-á que essas leis são antiquadas; mas, na realidade, são ainda as mais aproveitáveis — sabido que mesmo os regulamentos da F. P. B. nada dizem a esse respeito...

Damos, a seguir, as regras adoptadas pela I. B. U., que podem adaptar-se perfeitamente às circunstâncias:

1.º — No final de cada assalto, os pontos devem marcar-se da forma seguinte: 5 ao «boxeur» que tiver superioridade em ataque; 5 ao que tiver sido superior em defesa; 5 ao que tiver sido superior em ciência; e 5 ao que tiver sido superior em eficiência; 2.º — Ao que tenha sido superado em cada uma das citadas divisões, conceder-se-á número de pontos proporcional à sua acção; 3.º — No caso de empate em algumas daquelas designações, marcam-se 5 pontos a cada um dos contendores, na parte em que tenha havido empate; 4.º — No final de cada «round», devem somar-se na coluna respectiva os pontos obtidos por cada um dos pugilistas; 5.º — Quando se produz uma queda (entendendo-se por queda quando o «boxeur» caia em virtude de golpe regular) marcam-se 5 pontos em eficiência e outros 5 em ataque, quando aquela é superior a cinco segundos; e, consequentemente, zero ao pugilista que caiu; se a queda é inferior a cinco segundos, marcam-se apenas 5 pontos ao «boxeur» que a provocou, e zero, na mesma, ao que caiu; no caso de as quedas inferiores a cinco segundos serem duas, ou mais, marcam-se 5 pontos em ataque, para quem derribou, e zero àquelle que foi tombado; 6.º — Concluído o «match», somam-se os pontos na generalidade; e se a soma der o mesmo resultado ou uma diferença não superior a 5 pontos, a decisão será a de empate; desde que se verifique uma vantagem de mais de 5 pontos, é declarado vencedor o pugilista que a obteve; 7.º — Quando não seja possível declarar empate (como em caso de campeonatos) a vitória será adjudicada ao pugilista que tenha obtido maior número de pontos; mas se houver igualdade, em ataque, o triunfo será para aquelle que obtenha vantagem em estilo de «boxar»: ciência; 8.º — Os números deverão ser apontados a tinta ou com lápis indelével — e não haverá rasuras nem emendas; 9.º — No capítulo de observações, devem constar sempre as infrações dos pugilistas.

Como se depreende, nestas regras esclarece-se muito daquilo que parece ainda «obscuro»

para alguns! A «questão» das quedas é primordial — desde que ellas tenham sido provocadas por golpe — assim como a pontuação em eficiência, ciência do jogo, defesa e ataque; e muitas vezes nem sempre aquelle que mais ataca (ou mais murros dá...) é o vencedor: a ciência e a defesa, bem ordenadas, superam o ataque mal orientado. Isto com vista a muita gente que se entusiasma quando vê dar pancada. E dar pancada não é o mesmo que fazer «boxing»...

Mas as regras transcritas têm, ainda, definições que são «escarecimentos»; e, assim, compreende-se: **Ataque** é a iniciativa com luzida com eficiência, por golpes aplicados a uma parte da luva que cobre as articulações das mãos, sobre qualquer parte da frente ou do lado da cabeça ou do corpo, acima das linhas de cintura; **Defesa** entende-se por bloqueios, esquivas e deslocações de corpo, a fim de evitar ou neutralizar os golpes; **Ciência** é o estilo empregado na aplicação dos golpes, na técnica e na perfeição de os executar, cuja defesa se tome de harmonia com o ataque; **Eficiência** compreende-se pela colocação dos golpes que produzem efeitos imediatos.

Também interessa conhecer as medidas e os pêsos, que são: onça, 28,35 grammas, (na generalidade, os profiis não fazem 4 onças até leves, 6 até meios-pesados e 8 os pesados; os amadores nunca devem fazer menos de 6 onças); libra, 453,5926 grammas (a libra empregada-se na pesagem, principalmente em Inglaterra e na América); polegada, 25,4 mm; pé (12 polegadas), 30,48 cm; jarda (3 pés), 0,914 metros.

E para terminar, porque entendemos de interesse, publica-se a lista dos campeões do Mundo de todas as categorias, prometendo-se, para muito breve, a elucidação (com gráficos apropriados) dos golpes irregulares.

Vejam-se, porém, agora, quais foram os campeões mundiais de «boxing», oficialmente reconhecidos: John Sullivan (de 1882 a 92); Jim Corbett (de 1892 a 97); Bob Fitzsimons (de 1897 a 99); Tommy Burns (de 1904 a 8); Jack Johnson (de 1908 a 15); Jess Willard (de 1915 a 19); Jack Dempsey (de 1919 a 26); Gene Tunney (de 1926 a 30); Max Schmeling (de 1930 a 32); Jack Sharkey (de 1932 a 33); Primo Carnera (de 1933 a 34); Max Baer (de 1934 a 35); Jimmy Braddock (de 1935 a 37). Actualmente é, como todos sabem, Joe Louis, o famoso negro de Harlen, campeão desde 1937. Todos é-tes «boxeurs» (à excepção de Schmeling, alemão, e de Carnera, italiano) são de nacionalidade americana.

JORGE MONTEIRO

«Stadium» na provincia

ALMADA — Foi creado recentemente, nesta localidade, um Centro Extra-Escolar da «Mocidade Portuguesa». Na sua organização não se attenda a abstracções da preparação física e militar dos filiados, mas também à sua formação moral, arrancando-os dos lugares viciosos onde deitam e se desmoralizam.

COVA DA PIEDADE — Reunio-se a assembléa geral do União Piedade F. C., sendo eleito a direcção seguinte: Presidente, Diogo da Silva Nunes; vice-presidente, Carlos Madeira; Secretário, Carlos Estácio; secretários, José Brito Cardoso da Cunha e Fernando Silva.

PALMELA — O Nacional Futebol Clube pediu à Câmara Municipal de Palmela a cedência de um terreno no Largo de S. João, para nele construir os seus campos de «basket» e «volley-ball».

TOMAR — Foram numerosas a assistência e presidido pelo sr. brigadeiro Fernando Pereira Coutinho, comandante da 3.ª Região Militar, realizou-se nesta cidade um festival desportivo, no qual tomaram parte equipas de todas as unidades subordinadas ao Comando. O festival consistia de vários exercicios de gymnastica e saltos de plinto, gymnastica com armas e passagens de obstáculos. Todos os exercicios foram executados com muita coração e agudaram bastante. A primeira classificação foi obtida pela equipa do Batalhão de Pontoneiros (Tancos), que ganhou a taça «Major General do Exército», trofeu que ficará de posse da equipa que ganhar três anos consecutivos o cinco alternados.

Com vista à próxima época, os clubes locais Desportivo de Matrona e Sporting estão tratando da constituição das suas equipas, tendo qualquer delas já iniciado os treinos. Segundo consta, o Desportivo de

Vinte anos atrás

Junho de 1923

O Real Fortuna, de Vigo, exhibiu-se no Pôrto, alcançando dois triunfos: sobre o F. C. P., por 2-1; sobre o Salgueiros, por 4-1.

— Na América, Eugène (o rei do K. O.) Criqui venceu Kilbam, ao 6.º «round».

— No domingo, 3, começou no Pôrto a disputa do campeonato de Portugal, com uma eliminatória entre os campeões de Braga (Sporting) e de Coimbra (Associação Académica). Os estudantes venceram por 2-1. O jogo realizou-se no campo do Boavista.

— No Estádio do Luimar disputou-se o Lisboa-Madrid militar, ganho pelos nossos compatriotas, por 4-2. A equipa vencedora estava constituída por: Francisco Vieira; Azevedo e Jorge; Fernando Jesus, Augusto Silva e Vitor Hugo; Fernando António, João Francisco, Almeida, Manuel Rodrigues e Gomes.

— O ciclista José Sequeira Júnior triunfou nos «100 Kilos» da U. V. P.

— No domingo seguinte (10) no Campo Grande, e também a contar para o campeonato de Portugal, a Académica eliminou o campeão do Alearve (Luitano, de Vila Real de Santo António), por 3-2.

— Nam jó o particular, para disputa de uma taça, o Boavista venceu por 1-0 o Futebol Clube do Pôrto.

— O S. L. Benfica organizou o campeonato de júniores, desatletismo, cuja classificação geral foi a seguinte: 1.º Sporting, 26 pontos; 2.º Benfica, 22 pontos; 3.º C. I. F., 10 pontos.

— No dia 11, num programa a favor da «Cruz Branca», o extinto Portugal F. C. bateu o Chelas, por 2-0, e o Benfica derrotou o Casa Pia A. C., por 5-2.

— No dia 15, numa festa promovida pela Federação de Box, fez a sua apresentação o nosso compatriota Basílio de Oliveira, recém-chegado a Portugal, aureolado com o título de campeão do norte da Inglaterra. Basílio venceu Faustino Pereira, por abandono, ao 7.º «round».

— No domingo, 17, disputaram-se as meias-finaes do campeonato de Portugal de futebol. No campo de Palmavã, na Associação Académica venceu o Marítimo (campeão da Madeira), por 2-1. Na Insua dos Bantos, em Coimbra, o Sporting derrotou o F. C. P., por 3-0, sob a arbitragem de Rudolph Todd. Este último desafio ficou memorável pela movimentação que provocou e pelo ambiente especial que lhe emprestaram as duas numerosas e aguerriadas falanges de apoio que acorreram às equipas forasteiras.

— Terminou o campeonato nacional de espadã com a vitória de Mascarenhas de Menezes, da Sociedade de Esgrima de Espada, com 9 v. e 1 d. Nos lugares de honra classificaram-se: 2.º — Américo Durão e Jorge Paiva, da S. A. C. G.; 4.º José Oliveira, da mesma Sala; 5.º — João Siseti, do C. N. E., e António Belas, da S. E. E.

— O Meteor, de Praga, esteve em Lisboa, a convite do Império Lisboa. O grupo checo, que desiludiu, fez três jogos, perdendo sempre: no dia 21, contra Marítimo funchalense, por 3-4; no sábado 23, contra o Belenenses, por 0-3, e no domingo 24, contra o Império, por 1-2.

— Ne-te mesmo domingo effectuou-se em Faro a final de campeonato de Portugal. O Sporting venceu a Associação Académica, de Coimbra, por 3-0 (goals) de Francisco Stromp e de Joaquim Ferreira, os dèste na conversão de duas grandes penalidades. Alinharam: pelo Sporting — Cipriano; Ferreira e Jorge; Leandro, Felipe dos Santos e Portela; Torres Pereira, Juime, Stromp, João Francisco e Carlos Fernandes; pela Académica — João Ferreira; Ribeiro da Costa e Francisco Prudência; Joaquim Miguel, Teófilo Esquivel e António Galante; Guedes Pinto, Armando Batalha, Augusto Pais, José Neto e Gil Vicente. Arbitrou o juiz algarvio Eduardo Vieira.

Matrona apresentará a mesma linha da época passada, e o Sporting apresentar-se-á somente com elementos de Tomar.

Quanto ao União, campeão da zona norte — distrital e do Ribatejo — não sabemos, por enquanto, sobre a constituição do seu «team».

VALE DE CAMBRA — Apesar do mau tempo, a época do futebol foi inaugurada com um encontro entre o União de Lamas, campeão da I. Divisão de Aveiro, e a A. D. Valcabrense. Esta triunfou por 2-1. No grupo local alinhou já o seu antigo jogador, António Baptista, últimamente no F. C. do Pôrto.

O PRÓXIMO TORNEIO DE «WATER-POLO» QUE «STADIUM» PATROCINA

AS intenções da Federação Portuguesa de Natação ao chamar a si os encargos da organização de um torneio de «water-polo» — todos as conhecem já.

Por diversas vezes aqui as apontámos e explicámos, e, inclusivamente, através dos diversos parágrafos do regulamento do referido torneio, já publicado na íntegra, perpassa, de forma a não deixar dúvidas a ninguém, portanto com a máxima clareza, a idéa construtiva que animou os dirigentes do organismo máximo da natação portuguesa.

Pretende-se fazer ressurgir o «water-polo», elevando-o ao nível que ele merece e colocando-o mais em harmonia com a craveira actual da natação pura.

E no no so último artigo à-dêrca d'êste assunto fizemos, passe a expressão, um apêlo aos clubes que, em nosso entender, podiam e deviam concorrer ao torneio lisboeta, emprestando assim a sua quota parte de trabalho para o êxito de uma idéa que bem merece todos os esforços.

A lista, que não era muito longa, compreendia apenas os clubes onde se pratica a natação com maior ou menor desenvolvimento, e onde o «water-polo» tem brilhantes tradições.

Todavia, na altura em que escrevemos, apenas duas associações lisboetas responderam à chamada. São elas o glorioso Sport Algués e Dafundo e o Alhandra Sporting Clube — colectividade que na última meia dúzia de anos tem contribuído de maneira brilhante para o progresso da natação portuguesa.

A Federação resolveu, por isso, prolongar a inscrição por mais uns dias. Se, p' rém, mais nenhuma colectividade se inscrever, a taça «Stadium» será disputada entre os dois referidos clubes em condições a combinar oportunamente. Possivelmente em dois jogos, um em Algués, outro em Alhandra, nos primeiros dias de Outubro.

Com respeito à província, nada há de positivo na altura em que escrevemos. Parece que tanto no Porto como em Aveiro não haverá quaisquer manifestações de actividade. Já o mesmo não dizemos quanto a Coimbra. Sabemos que na cidade do Mondego há interesse em criar e difundir o gosto pelo «water-polo». E embora a época esteja prestes a atingir o seu termo, não nos repugna acreditar que ê te ano se jogue ainda «water-polo» na praia artificial do Mondego.

Entretanto, Algués e Alhandra vão dando os últimos toques na afinação dos seus «setes» representativos.

Os dois clubes, que tantas vezes têm sustentado lutas magnificas em provas de natação, vão agora bater-se com o brilho e desportivismo de sempre, nos desafios de «water-polo».

CICLISMO

(Conclusão da pág. 6)

voltar à corda sem ter pelo menos a vantagem de um comprimento de máquina sobre o seu adversário.

Assim, se um corredor, depois de «abrir» passagem, colocando-se no exterior da «corda», voltar novamente ao interior da mesma sem haver conquistado a distancia regulamentar, será também desclassificado.

Finalmente, a «corda de ultrapassagem» serve para determinar por qual lado poderão adiantar-se, nas provas de meio-fundo, os corredores que atacam. Se o concorrente que marcha à frente rolar à direita do traço de passagem, pode ser atacado pelo lado esquerdo, ou seja pelo interior. Mas se estiver correndo àquem daquele traço, então há que suportar os ataques pelo exterior, isto sem lhe ser permitido sair da sua «linha de rolagem».

São rigorosamente respeitadas todas estas normas, não só para a boa regularidade das provas, como para eficaz defesa da integridade física dos corredores.

GIL MOREIRA

DO PRATO À BOCA

NEZ no domingo oito dias, a uma mesa do café «Excelsior» reuniram-se alguns elementos conhecidos nos meios futebolísticos — dirigentes, jogadores e... plúmfitos.

Eram 23 horas. Mas nada se sabia ainda sobre o possível alinhamento de alguns jogadores que, tendo sido de grupos da cidade, tinham abalado para Lisboa, em demanda de melhores ares...

Perorava um conhecido jornalista, dos velhos, daqueles cuja vida tem sido de dedicação ao desporto nacional!

Que sim, que não, que torna, que deixa — os argumentos não faltavam — que era ponto assente, c'nvicção certa, de que determinados jogadores não teriam alinhado, porque a isso se opunha tal e tal artigo, tal e tal disposição.

No ardo da argumentação, êsse nosso conhecido camarada evocava a palavra doutrinária de um doutor muito conhecido, mas que é doutor — de direito e de facto...

Segundo êsses dizeres, tal não era possível. E não havia ninguém capaz de convencer êsse nosso camarada de que o inverso podia dar-se — que os homens poderiam muito bem ter alinhado.

Mas o teimoso não se convencia. Estava irreduzível — como a quadratura do círculo... — de pedra, cal, cimento!...

Nisto, alguém lembrou do lado que as dúvidas tirar-se-iam daí a pouco.

Era questão de esperar meia hora...

Assim foi.

Pouco mais de que a tal meia hora tinha passado quando a notícia foi recebida de Lisboa: Fulano e Cicrano tinham alinhado pelos clubes X e Y!...

Não vimos a cara do nosso colega, porque não estávamos lá.

Foi pena. Seria um monumento... de asombro!

*

2.ª-feira, 13 — «A B asileira» fervia em cachão. Tinham-se apreciado os comentários aos «estrangeiros» em um grande clube, e os críticos das críticas eram unânimes em afirmar que aquêles comentários «eram inoportunos».

Era preciso acalantar o fogo sagrado, dar ânimo aos «m'ncebos», dizer dêles coisas bonitas, tanto mais que... etc.

A discussão era amigável — mas era discussão; uns e outros procuravam defender os seus pontos de vista.

Resumido: considerava-se extemporânea a crítica, e até prejudicial para o factor moral dos jogadores e do clube.

Nisto, um lépido elemento, jogador de futebol de tempos idos e que anda agora em peregrinação, sai-se com esta:

— E a entrevista de Fulano? Quando os da casa dizem isso, que quereis que digam aquêles cuja missão... cuja missão é essa mesmo que vós atacais?

Escusado será dizer que a resposta não se ouviu...

ROBERTO AMIAL

Notas... sem valor

(Conclusão da pág. 7)

jogador, discutido nos «mentideros» da bola, a idéa clara do seu valor técnico. A «cotação» subiu para nível extraordinário, a valorizar a «saída». Mais tarde, o clube em foco dispunha de um concorrente novo, pronto a combater o «lanço» inicial...

— Deu-se, portanto, crédito aos «informadores», os principais responsáveis desta comédia futebolística. Seguiu-se rumo errado, com prejuizo para as colectividades do burgo tripeiro. Um clube, por exemplo, tinha à sua frente, em determinada altura, um problema gravíssimo para resolver, por má visão de um «informador»... Com o tempo, a «dúvida» desapareceu — não havia compromisso desportivo com o «cavalheiro»...

— Fica, afinal, no F. C. Porto, no seu lugar — extremo esquerdo — o jogador Póvoas, dos indicados para a equipa dos estudantes.

(Conclusão da pág. 3)

dimento de um «team», era aguardada com especial interesse, não obstante os resultados do começo da prova, algumas das vezes, nada significarem.

Os encontros de domingo tiveram os seguintes resultados:

Operário, 2 — Chelas, 1
F. Benfica, 3 — Casa Pia A. C., 1
Estoril, 3 — S. L. Oliveira, 1
Marvilense, 1 — Sacavenense, 1

Uma rápida análise sobre êstes desfechos revela-nos, de pronto, que houve certo equilíbrio na várias lutas travadas. Ao contrário do que bastas vezes sucedeu na época transacta, nenhum dos vencedores logrou diferença de números capaz de traduzir nítida vantagem. Nem o próprio Estoril Praia, que o ano passado nos h bituava a «scores» esmagadores, conseguiu, desta vez, impor-se claramente.

De todos os resultados que se anotaram, o que pode parecer mais sensacional é a vitória do Operário sobre o Chelas, sobretudo porque os chelenses não se previam preparados. Mas o «team» de S. Vicente, aguerrido como sempre, tem algumas vezes sido autêntico «desmancho-prazeres». E o certo é que os três pontos são preciosos.

Do jogo entre os benfiquenses e os casapianos, pode adivinhar-se que os últimos não serão, ainda esta época, capazes de grandes proezas.

Do que referem as crónicas, o Estoril evidenciou melhor classe do que os ol valenses, que, todavia, se portaram galhardamente na defesa da bilisa.

Por último, o empate entre o Marvilense e o Sacavenense tem de considerar-se regular. A diferença de valor entre as duas equipas admite com a maior naturalidade esse desfecho.

Merece referência o comportamento das «inferiores» do Estoril, Operário e F. Benfica. Os três clubes «cancaram mesa lim», como é hbito dizer-se. Sacavenense e Marvilense repartiram entre si as vitórias nas «inferiores». O primeiro ganhou em reservas, mas o segundo triunfou nas 2.ª categorias.

ZÉ DO PEÃO

Um bom entendimento, com vantagem para o interessado, arrumou o inconveniente. Póvoas está de «pedra e cal» no F. C. P. I

— O Sporting Clube de Espinho, grupo de outro distrito, com boas relações desportivas nos clubes da A. F. P., perdeu um bom jogador — Camilo, defesa. Simpatizando com a «ôr», o espinhense foi cair no F. C. P., em boa hora... No «exame prático», com provas à vista de muita gente — do público — Camilo deu bastante confiança ao seu «mestre».

— O «trio» academista formado por dois guarda-rêdes e um defesa — Levi de Sousa, António Santiago e António Jorge, muito unido, por conveniência pessoal — tem enervado os seus admiradores... Colocam a questão de tal maneira que é impossível resolvê-la com a necessária rapidez... Os dirigentes do seu clube, indiferentes a tudo — às sugestões apresentadas por outros — continuam calmos, sem dar ouvidos aos «salvadores» do grupo. Tem a consciência bem formada, carácter limpo — dois bons predicados para pessoas que orientam os destinos de qualquer colectividade. Fazem «cavalos de batalha» de um «casso banal», apenas para combaterem a posição individual de cada dirigente. No final tudo se harmonizou e êsses elementos ofereceram os seus préstimos ao clube. Muita para e pouca uva...

— Dá-se como provável um grande reforço para o clube da Constituição. Trata-se de nome muito conhecido, de um jogador «gordo», elemento de certo clube de primeiro plano, que poderá — e muito bem — adregar de cair no burgo. Era um «achado», nestes tempos de crise, no seu posto. Dizem também que há gente «desempregada» que pretende colocação no Porto — ou no F. C. P.. Aguardemos... Mas se fosse verdade...

DR. ALVARENGA

Uma entrevista emocionante Gregorio Garcia

LISBOA, a cidade da Severa, do Marialva e das touradas, acaba de discutir — e consagrar... — o toureiro mexicano Gregorio Garcia, cuja passagem pelas arenas portuguesas despertou interesse e entusiasmo invulgar, como há muito não se verificava. Conquistou fervorosos adeptos e ouviu ovações intermináveis no decorrer das suas vinte e quatro corridas — por vezes transformadas em verdadeiras apoteoses.

Os portugueses — e portuguesas... — apreciaram este toureiro de qualidades inegáveis e, sobretudo, o seu enorme arrojo, a sua grande valentia, facetas que contribuíram para impor à «afición» mexicana a certeza de que o seu simpático compatriota tem valor e, mais, todo o direito à alternativa que lhe é devida.

Gregorio Garcia vai deixar Portugal, de regresso à sua pátria, onde o espera não só a curiosidade dos seus «paisanos» como os braços anelados de sua mãe, na confortável casinha de Monterey... Mas já se fala no seu próximo regresso a Portugal. Desejam-no os seus admiradores de quem Atlântico — o os sentimentos do próprio toureiro, que conquistou simpatias e deixa por cá um pedaço do seu coração, depositado nas mãos de uma gentil e arrojada ribatejana...

Gregorio Garcia nasceu em San Luis Potosi em 1917. Mais tarde foi viver para Tampico, conhecido porto mexicano. Aos 17 anos, um grupo de amigos proporcionou-lhe duas assistências a uma tourada. Até aí, os seus olhos não tinham ainda recolhido a visão emotiva da festa brava, apesar do seu feito puramente mexicano. E quando abandonou a praça de touros, nesse dia de emoções fortes, sentiu que encontrara a verdadeira vocação da sua vida. Desde então, dia após dia, o desejo de ser toureiro transformou-o. Abandonou tudo que constituiria a sua vida, incluindo o estudo, para se dedicar à arte de Montes. Em 1937 fez a sua apresentação no «redondel» de Torreon Coahuila, como novilheiro, e recebeu os primeiros aplausos...

O seu nome, porém, não saía de terras mexicanas. Foi então que um português, Júlio Ginja, o «descobriu» em Guadaluajara. Interessou-se pelo valente novilheiro e falou-lhe de Portugal e do nosso entusiasmo por touros e toureiros. E ao começar a temporada do Campo Pequeno a «novidade» apareceu, transformou-se de um momento para o outro no ídolo de muitos aficionados e contribuiu para despertar o interesse pela festa brava em muita gente que nunca tinha ido aos touros...

Gregorio Garcia é um rapaz modesto, que cativa pela sua natural amabilidade.

Acompanhámo-lo na noite da sua última exibição no Campo Pequeno, desde o momento em que o toureiro envergou o «traje de luces» e fez as suas orações, até se dirigir à praça. Não pensávamos entrevistá-lo nessa noite. Conversámos bastante, é certo, mas como amigos. Recordamos que nos falou de Portugal com entusiasmo e gratidão, desde as primeiras impressões de Lisboa, colhidas da amurada do paquete que o trouxe, até ao contacto com a gente portuguesa — «esta gente culta e tan acogedora».

Quando chegámos à praça ocupámos o nosso lugar e Garcia dirigiu-se à arena. Toureou. Depois... Depois veio o momento de grande emoção da noite: a sua espectacular colhida... Fomos dos primeiros a falar-lhe à saída do redondel. Patece-nos estar a ver ainda a sua máscara enérgica, plena de vida e de força, esguelhado, equimozos na face, sangrando levemente, em virtude da queda.

O público, ainda de pé, prolongava a ovação. Gregorio sorria. Sentimos o momento — e o amigo desapareceu para dar lugar ao jornalista. Aproveitámos aquelas curtos minutos de repouso... De pé, ofegante, o valente toureiro sorria ainda na nossa frente. Sentimo-lo inteiramente recomposto. Um pequeno descanso — e voltaria a arrebatar os seus admiradores.

— Que passou pela sua mente quando o touro o colheu?

— Verdaderamente, nada... É natural, isto, na vida do toureiro. «Pero... me ha dado un coraje! Bueno...»

E prosseguindo com o mesmo sorriso confiado:

— Esqueci-me de tudo para me lembrar só que tinha de vencer o touro...

... e venceu-o — rematámos. Mas deixemos as contrariedades e diga-nos, já que vai deixar-nos, o que pensa da sua estadia em Portugal...

— Gosto muito, imenso, do seu país. Não posso esquecer nunca quanto carinho e quantas gentilezas fico devendo aos portugueses. Sejam que contratos forem os que se me ofereçam para o estrangeiro, renunciarei a tudo para poder tourear em Portugal!

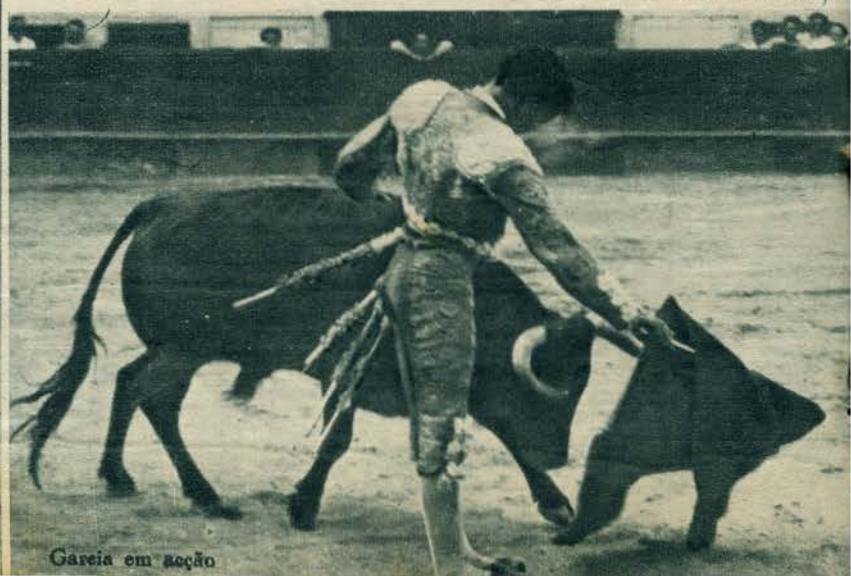
Gregorio Garcia fala com patente emoção. Resolvemos desviar a conversa para o nosso toureiro equestre. Pedimos uma opinião:

— Aprecio-o imenso! Os vossos cavaleiros são magistrais! Admiro Simão da Veiga e Nuncio — dois grandes artistas.

(Conclue na página 15)

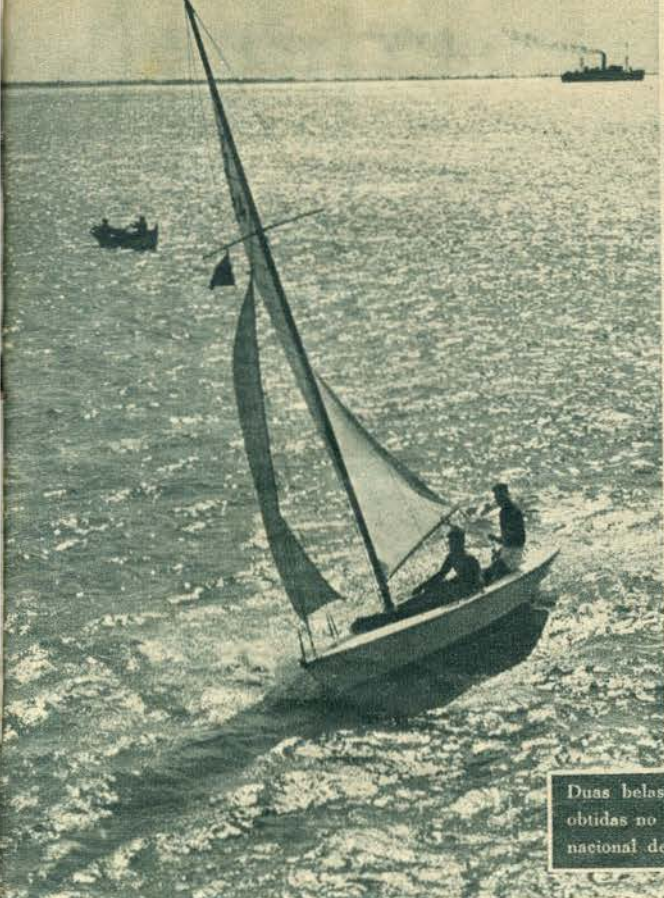


Gregorio Garcia fala à «Stadium».



Garcia em ação

(fotos Nunes d'Almeida)



Duas belas fotografias
obtidas no campeonato
nacional de "Vougas"



C. Quadros, do Apolo, D. Santos, do Sporting, M. Loureiro, da Benfica, e J. Lourenço, do Sporting, vencedores, em iniciados, amadores juniores e seniores e independentes dos campeonatos regionais de velocidade de ciclismo



Parte dos inúmeros concorrentes às provas de atletismo do Sporting

VAI TER A SUA CONSAGRAÇÃO NA FESTA DE HOMENAGEM QUE LHE PROMOVEM NO MÊS DE OUTUBRO NO PARQUE MAYER

NÃO há, decerto, ninguém ligado aos acontecimentos desportivos em Portugal — e principalmente no capítulo de «boxing» — que desconheça o nome de Silva Ruivo, o primeiro e talvez o melhor «boxeur» português de sempre. Um homem que durante cerca de duas décadas, há quasi vinte anos, revolucionou o meio, então restrito, do desporto — impondo-se por mérito próprio, fazendo escola e criando um nome que já mais se olvidará.

Silva Ruivo foi o primeiro pugilista profissional português e o único que conseguiu ser campeão nacional em quasi todas as categorias: de meios-léves (o seu peso normal não ia além de 58 quilos) até pesados!

Conferiram-lhe, primeiro, o título da sua categoria (meio-léve), em que não teve adversário na ocasião, e, sucessivamente, foi conquistando todos os outros. Ruivo, que nunca excedeu os 58 quilos (limite do seu peso) ganhou a Plácido Monteiro, por k.o., ao 1.º round, o título dos léves.

A luta (pode assim chamar-se a um «match» apurado para 10 «rounds» e que durou apenas 32 segundos?) desenrolou-se no velho campo de futebol do Benfica, em Sete Rios. Depois foi o campeonato dos meios-médios, com Tavares Crespo; Ruivo triunfou por pontos. E vieram ainda os títulos de médios (Herculano Rodrigues, k.o. ao 1.º round, no Ateu), meios-pesados (Oscar da Silva, pontos,

no Coliseu) e pesados (Rui da Cunha, pontos, no casino do Estoril).

Mas Silva Ruivo — cuja carreira foi aureolada por frequentes triunfos — teve ainda outros êxitos, os maiores dos quais foram: o «match» nulo com o meio-pesado americano Jack Alloon (73 quilos) — mais 17 que o nosso campião — que havia feito igual resultado com Joe Guins, o qual fora campeão do mundo; e as vitórias sobre Jack Harper, campeão dos Estados Unidos, que meses antes empatara com Beny Leonard, para o campeonato mundial da categoria; e sobre os campeões espanhóis Armengal e Miró, o campeão canadiano dos meios pesados, Joseph Leduq, e o campeão chileno dos pesados, Romero Rojas (por k.o. ao 1.º round).

Em resumo: Silva Ruivo era um habilidoso dotado de extraordinárias faculdades e um «puncheur» temível para o seu peso. Seria um grande campeão — se tivesse nascido anos mais tarde!

E não há dúvida de que Silva Ruivo era excelente pugilista — que não teve quem o iguasse, no seu tempo, mas que poucas vezes saiu de Portugal... Apenas duas sortidas a Madrid e a Paris, onde também causou admiração. E chegou mesmo a ter negociações para ir à América e ao Brasil — mas, entretanto, os projectos ruíram, porque Ruivo não quis ir à aventura, mas de maneira positiva, com contractos firmados e situação garantida! Mais tarde conseguiu tudo isso; mas Ruivo que era teimoso, não aceitou então... E foi pena, porque perdeu o ensejo de se tornar mal conhecido no estrangeiro e até de fazer fortuna.

Pois é esse mesmo Silva Ruivo — um «boxeur» que criou escola e fez «boxeurs» amadores, como Tavares Coutinho, Abel da Cunha, Francisco e Júlio Barcelo, Paulo de Castro, Silva Adães, Armando Correia, Henrique David, Simões Nunes (o primeiro campeão português de mínimos), César Rumina, Artur Costeira e Silve tre Alves da Silva, mais tarde um bom profissional — que vai ser agora homenageado. E nunca é tarde para a merecida consagração — a que Ruivo de há muito tinha direito.

Nessa festa — que se efectuará no próximo mês de Outubro, por mercê de uma comissão composta dos srs. Silva Lopes, Pierre Charles e Tavares Coutinho, o último um antigo discípulo de Ruivo e sempre seu grande amigo — tomam parte amadores da velha guarda e da actualidade e alguns dos nossos melhores campeões profissionais, como Beni Levi, Agostinho Guedes e Manuel Matos e o antigo campeão de Espanha, Luís Sória, cujo gesto desvaneceu a comissão organizadora da festa. Dos antigos estarão presentes: o próprio Tavares Coutinho, Francisco Brito, Xavier de Araújo, Basílio de Oliveira, Domingos Pinto (que cedeu, gratuitamente e sem quaisquer encargos de organização, o seu Estádio Mayer), Luís Viegas, Américo Hernani, Pierre Charles, Walter Pressler, Humberto Caldas e outros. O cap. António Cardoso, antigo aluno de Ruivo e também antigo campeão de «boxing», fará o elogio desportivo do homenageado — havendo, ainda, a colaboração dos clubes Gimnásio, Lisboa Gimnásio e Lisgás.

Enfim, tudo se conjuga para que essa noite de consagração tenha o êxito que merece.

Acontecimentos da semana

(Conclusão da pág. seguinte)

e pares-mistos, e Peggy, em singulares-femininos, na categoria de juniores.

— **At. do Roth e Brothheim** triunfaram num torneio de pares-mistos efectuado nas Caldas da Rainha, dotado com as taças «Gazeta das Caldas».

— **José Roquete, Fernando Frade e Eduardo Riccardi** ganharam o Torneio dos Campeões, na Costa da Caparica.

— **TIRO AO ALVO** — Num torneio que se realizou na Figueira da Foz, Albano Pinto Bastos triunfou em todas as provas, conquistando as taças «João Tavares Carriço» e «Grande Casino Peninsular».

— **VELA** — Nas cinco regatas dos campeonatos nacionais de «voagens», organização do Alges e Dafundo, ficaram vencedores Fernando Pessoa (Mocidade Portuguesa) e Mariano Baptista (Naval Barcelonense). Mas a classificação geral ficou sujeita a rectificações e dependente do resultado de um protesto que dois concorrentes apresentaram.

VELAS ERGUIDAS...

*É tão belo o panorama
que todos os dias vejo
de amor à marinheiral
Nesses navios têm fama,
cuscando as águas do Tejo
e navegando à porfia!
Está em voga este desporto
e é grande a animação
que se nota hoje em dia...
Eu quedaria, absorto,
e, tremendo de emoção,
sem mais palavra diria
se não soubesse, afinal,
que, no Mar, fomos primeiros!
É que o nosso Portugal
é país de marinheiros!
Vejo com satisfação
nossos bravos marceiros
villarem no tempo antigo...
Haja vento, calma, ou não,
eles navegam, como dantes,
porque o Mar é nosso amigo...
Tão brincos desportivos
mostram-se, assim, destemidos!
Eis um povo de conquistas
que causa admiração.
Velas e pannels erguidos,
em frátil embarcação,
e eles que são, Tejo afora!
E o desporto, então, ao mar
como era antigamente...
As provas não têm conta
e sucedem-se, de meninça,
cibando a lusa gente.
Ainda há dias eu vi
«candias», «candias», «candias»
de vário jubilação
em prova muito animada!
E, confesso, então senti
que a p-sar de tantos lutes
era grande a animação
entre os a rapaziada...
São regatas, mais regatas,
do Paço de Arco a Sines,
a Setúbal e a Cascais!
«Boles de eschalo» e «catalas»,
«charutos» e «vários cines»
e «out-riggers» — a mais!...
É na vela e é no remo
que há movimentação
cada vez mais e melhor!
Mas eu confesso que teno
que hoje... «extrapatiações»;
e, então, isso é pior...*

ZÉGAS ILÃO

BARREIRA DE SOL

A Empresa do Campo Pequeno deu por concluída a sua agradável tarefa de 1943 com a organização de mais um espectáculo nocturno em que — a par de dois toiros corpulentos do dr. Emilio Infante — foi corrido um lote mal sortido de garralotes sem condições para a lide.

Ao novilheiro mexicano Gregório Garcia ficou a «felicção» lisboeta devendo uma fese de animação passageira no seu espectáculo favorito. Pela justa lei das compensações, leva Gregório Garcia para a sua terra os benefícios de um treino de vários meses, sem risco de maior e com o proveito que acaso tenha tirado das lições práticas dos toureiros espanhóis com que alternou.

A corrida poucos momentos teve de interesse. J. do Núncio logrou entusiasmar com a forma magistral por que procurou o quinto toiro, um manso que não queria cavalo, obrigando-o a investir à força de lhe pisar o terreno.

Morenito de Talavera, entre um triunfo na «feria» de Salamanca e uma tirada de doze horas de automóvel para estoquear em Madrid na corrida do Montepio, procurou tirar algum partido dos três garralotes que lhe saltaram, os piores da noite. Merecem referência especial as três «verónicas» magistrais com que iniciou a lide do segundo e a forma por que banderilhou o quinto, da qual destacamos um soberbo par de dentro para fora, obrigando o manso a investir com vontade, a favor da crença natural do burro. Com a muleta, sem que o seu trabalho pu esse ter luzimento, manteve os seus justos créditos de toureiro inteirado e dominador.

Gregório Garcia, com o louvável desejo de corresponder ao carinho do «seu» público, procurou emocionar, logrando por vezes o seu intento, a tróce de duas colhidas aparatasas. Com o capota, apertou-se numa série de «gaoneras» no seu primeiro. Com as bandarilhas continuou a revelar melhoria apreciável na forma de sair das sortes. Com a muleta, seu eterno ponto fraco, tapou-se em parte na lide do último garralão, mais corpulento e mais maneável que os restantes, conseguindo ligar alguns passes aceitáveis e apertando-se numa série de «parones» de efeito.

E até para o ano, se Deus quiser...

J. E.

Um clube, um meio, uma obra

(Conclusão da pág. 7)

No campeonato de Portugal, a-pesar de todos os escolhos — e os mais visíveis foram as faltas de Raúl e Alexandre — o grupo attingiu a final por direito próprio e veio a perder num jogo em que a equipu foi valorosa e denodada até o fim. Ganhou muito bem o Carneide, após um jogo em que os lisboetas devem ter feito o máximo. Os portugueses, que esperavam a vitória do seu representante e que têm pela sua equipa especial idolatria, lamentaram, apenas, que as circunstâncias não permitissem que o Vasco da Gama jogasse dentro do seu máximo.

«Stádim» que ao desporto e aos que nêle militam com devoção e com sentido nobre das realidades dedica especial carinho, quis focar a exustiva tarefa dos vascainos em prol do «basket-ball» português. E o cronista, que tem acompanhado o desporto da bola ao cesto desde a sua infância, não pode esconder o seu entusiasmo.

A escola vascaína durará por muito tempo. E ainda bem para o desporto português e para o «ba-ket-ball», porque nas suas fileiras aparecerão mais jogadores no género de Pima, Dias Leite, César, Pinheiro e tantos mais.

A dinastia continuará. E enquanto ela continuar os portugueses terão a certeza de que dentro dos seus muros o «basket» viverá, de que dentro da sua terra haverá jogadores dos de mais limpa classe.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O Sporting promoveu a sua primeira reunião de propaganda, para a pista filhada de estradas. Compararam na pista do Estádio do Lumiar cerca de uma centena de principiantes e apenas algumas filhadas do Sporting. Ruiu ganhou o disco e o péo, respectivamente, com 37.43 (a melhor marca da época) e 12.37. Olga Ribeiro venceu os 100 metros em 13 s. 7/10. Nas provas de estradas, os vencedores foram: Manuel Colaco, com 7 s. 7/10, nos 20 metros; Santos Franco, com 6 m. 27 s. 9/10, nos 2000 metros; Joaquim Campos, com 1.45, em altura; e José Rodrigues, com 12.18, no péo.

BOXING — Augusto de Sousa, antigo campeão nacional de meios-médios, foi designado oficialmente «challenger» ao título que Noel Levy lhe arrebatou no Campo Pequeno; e António Silva e Jack Pastana — também ex-campeão da mesma categoria — estabeleceram-se em prazo de vinte dias para se desfezarem, a fim de apurar o vencedor ao campeonato das leves, pertença de Miguel Franco.

CICLISMO — Na pista do Estádio do Lumiar disputaram-se os campeonatos regionais (sul) de velocidade. Vencedores: João Brenço, Sporting, em Independentes; Marcel Loure, Benfica, em Amadores Antigos; Luis Santos, Sporting, em Amadores Juniores; e Carlos Quadros, Recordação Apolo, em Iniciados. No próximo número referir-nos-emos, mais de espaço, a estas corridas.

— Em Pere Pinheiro disputou-se uma prova de 75 quilómetros, que foi ganha pelo sportinguista Baptista Alves.

FUTEBOL — Comparam as provas oficiais em quasi todas as regiões do país. Nos campeonatos de Braga, Coimbra, Faro, Porto, Santarém e Leiria verificaram-se os resultados seguintes:

Em Braga: Famação-Vitória do Guimarães, 4-2; Fafe-Vizela, 7-1; Sp. Braga-Gil Vicente (Barcões), 3-0. Em Coimbra: Académica-Naval, 1-0; União Lusitânica, 4-1; Académico-SP, 2-1; F. C. S. 4-2; O. Homenes, 2-1. Em Faro: Sp. Farense-Loulé, 4-1; Lusitano-Gloria, 5-0. No Porto: F. C. Porto-Académico, 9-0; Salgueiros-Boavista, 2-0; Leixões-Leça, 1-1. Em Santarém: Barcelense-União do Montijo, 4-1; Seixal-Arreatela, 3-1; Unidos do Barreiro-Amora, 2-1. Em Leiria: S. L. Maria-Alooba, 8-4; Atlético Marinhense Imperio, Marinhense, 5-0.

— Num desafio efectuado em Lisboa, a equipa da RAF derrotou a da Defesa Civil, por 6-0.

HIPISMO — Castro Pereira, no «Quintal», Rhodes Sérgio, no «Beduíno», e Correia Barreto, no «Raso» e no «Magui», ganharam as quatro primeiras provas — tática Argentina, «Mestre Joaquim Ricardo» e «Sociedade da Propaganda da Costa do Sol», a última em percurso de caça — do VII Concurso de Cascais.

HOCKEY EM PATINS — Nos primeiros desafios da Taça de Honra — 1913, que começou a disputar-se na pretérita sexta feira, os resultados foram: Paço de Arcos — F. C. Benfica, 2-1; Taboas — Sporting, 8-5; Sporting de Oeiras — Hockey de S. Tiago, 8-6; Benfica — Campo de Ourique, 3-2; Cascais — Atena Comercial, 1-0, Legis — Académica da Amadora, 2-1.

NATAÇÃO — A equipa da Escola de Recrutas do Batalhão de Sapadores Bombeiros conquistou a taça «Comandante Villar» nos torneos entre bombeiros.

— O Grupo de Propaganda de Natação promoveu, no Porto, várias provas entre organizações desportivas, sendo em disputa as taças «José Gomes», «Francisco Figueiredo Lima» e «Lac», ganhas, respectivamente, por José Cardoso, da P. S. P., Santos Fiuho, do Gais, e Correia dos Santos, do Salgueiros.

TENIS — José Roquette (em «men-singles»), Mrs. Flint (em «ladies-singles»), Domingos Avillez — José Roquette (em «men-doubles») e Mrs. Flint — Eduardo Richard (em «mixed-doubles») ganharam os campeonatos internacionais promovidos pelo Sporting de Oeiras.

— Nos campeonatos do Estoril (infantis e juniores) ficaram vencedores: Teixeira, em singulares, e o mesmo, com Nuno Castro, em pares, na categoria de infantis; A. Azevedo Gomes, em singulares, e o mesmo, com seu irmão e irmã, respectivamente, em pares-masculinos.

(Conclusão na página 14)

PROVAS DE REMO

Regatas inter-clubes — As Companhias de Seguros vão dedicar-se a este desporto — A secção do Estoril Plage — Dois passeios do Clube Naval

É possível que em Novembro próximo se efectue em Lisboa um encontro inter-clubes. Por ora, existe o projecto... Oxalá possamos verificar a realidade. Já há fumo, o que pode significar qualquer coisa... Depois da doutrina por nós aqui expressa ainda há poucas semanas; agradamos que os clubes náuticos se decidam a movimentar inteligentemente os remadores... e os barcos...

De certeza, podemos assegurar que em Novembro se realizará no Tejo curiosíssimas regatas entre companhias de seguros.

Deve-se o facto à Associação Naval de Lisboa, que no intuito de divulgar o remo propôs, numa reunião especialmente convocada para o efeito, a efectivação de uma regata entre as companhias de seguros, onde há tanta matéria prima por aproveitar.

C tipo de barco será o «Yolle» de 4, devendo as tripulações ser exclusivamente compostas por «Iniciados», com a aprendizagem ao

A reunião de «boxing» no Campo de 28 de Maio

(Conclusão da pág. 4)

O quinto round foi o mais espectacular. Levy parte em turbilhão e soca o estomago e flancos de Peiró com manifesto desprezo pelos golpes que este lhe dirige. O seu dondóio accentua-se até que, num choque involuntário de cabeças, Levy sai a sangrar de arcadea supraccilar direita. O espanhol sangra também e arremete com violência. Levy é abalado com um justo e potente golpe no queixo e o gong sóa muito a tempo. Vantagem ligeira de Levy.

O sexto assalto é semelhante ao anterior. Levy bombardeia o tronco do espanhol e acerta alguns golpes bons na cara. O catalão começa abusando da sua longa (supomos nós...) prática de ring e comete irregularidades com a cabeça e com os braços.

O sétimo assalto é absolutamente de Benl Levy. Aberto, como um portão de quinta, a todos os golpes, não os recela; só procura socar o seu antagonista. Peiró responde espacadamente, embora com força, mas é levado por diante de Levy.

O oitavo assalto é a confirmação da vantagem do português e, por palavras, incita Peiró a atacar e o admoé ta pela série de trapações que vai pondo em prática. O tronco do catalão é alvo de um bombardeamento em forma.

O novo assalto foi decisivo. Peiró não tem fôlego para continuar a refrega com o ritmo

que Levy lhe imprime. Golpe atrás de golpe, um pouco à toa, caem sobre a cabeça e corpo do espanhol que, por fim, tomba na lona do ring, onde se conserva alguns segundos. Recomeça a luta com o constante ataque do português, que já mostra também cansaço, e Peiró volta a cair extenuado no solo. Ao levantar-se titubeante fez com a mão sinal que desistia. Faltavam poucos segundos para o fim do assalto.

Levy foi muito aclamado pelo corajoso combate que fez. Mostrou muita vontade de ganhar e mereceu a vitória, que lhe sorriu depois de um duro choque, sem rasgos de boa técnica mas com momentos de forte emoção.

Nos outros encontros, Augusto de Sousa derrotou o espanhol Marco por K.O. no 5.º round. Até ao inesperado desfêcho a vantagem do português era ligeira mas indiscutível. A queda de Marco pareceu-nos muito teatral e o público gritou: «batalha» com poder e pulchreza. Quanto a nós, o público estava vendo justo e impõem-se sanções rigorosas contra Marco e companhia...

O jogo entre Lúcio Passos, campeão de Portugal dos meios-leves, e Serafim Martin, 2.º série, espanhol, foi interessante e teve momentos de grande espectacularidade.

Lúcio Passos encontrou um adversário duro e difícil, que o fez empregar-se a fundo. A vitória do campeão português, por pontos, no final do 8.º round, foi merecida mas adquirida principalmente no fim do combate. Até ao término do sétimo assalto a superioridade do vencedor era ainda pouco evidente. Nessa altura impunha-se a decisão de empate. O último round decidiu a contenda a favor de Passos, que atraindo Martin ao solo, continuando a dominá-lo até ao som do gong.

No segundo encontro da tarde, Sam Pedro, espanhol, derrotou por pontos Eduardo Alves depois de seis assaltos monotonos em que Alves, tendo condições para vencer, se deixou derrotar por falta de raciocínio e, sobretudo, por carência de trabalho no ginásio.

O 1.º encontro, sem interesse, terminou com a vitória de Guilherme Martins, em seis assaltos, por pontos sobre Alfredo Oliveira, depois de um combate de grande monotonia.

As arbitragens continuam sendo, de um modo geral, confiadas a pessoas pouco experientes ou conhecedoras, excepção feita de Xavier de Araújo.

RAFAEL BARRADAS

Dr. Fernando Cruz Ferreira

Pelo falecimento de seu pai, sr. Manuel da Cruz Ferreira Júnior, encontra-se de luto o nosso querido amigo e colaborador sr. dr. Fernando Simões da Cruz Ferreira, antigo campeão nacional de sabre, a quem «Stadium» endereça os seus sentidos pésames.

Gregório Garcia

(Conclusão da pág. 12)

— Qual a impressão que o domnia quando em pela efusão? — preguntámos, trazendo de novo à baila as sensações do nobreito perante o tuono. — Há dois sentimentos que nunca me abandonam nesse momento, como se estivesse colocado entre dois fogos: o desejo de agradar ao público — e a «gana» de dominar a fera...

O rumor do público interrompe-nos. Gregório Garcia vai voltar à lapa. Abragamolo. Com a mão a apertar-nos ainda um braço, o valente rapaz inclina-se mais para nós e diz-nos, sempre sorrindo, mas agora mais enérgico: — Quero brilhar hoje mais que nunca. E a despedida... Quero transformá-la na minha bem sincera saudação a todos os portugueses, como se os abraçasse a todos... com amizade... com carinho!

E com um último abraço Gregório Garcia deixou-nos.

Momentos depois, o público, de pé, aplaudiu... com delírio. O discutido «diestro» triunfava uma vez mais... Rogava-se pelo delírio em certos sectores. Havia leuzos nas mãos — e lágrimas de emoção em muitos olhos...

E Gregório Garcia continuava na sua última volta triunfal ao redondel do Campo Pequeno.

FERNANDO SÁ



1



2

Futebol no Porto — 1 — Uma defesa de Levy no jogo F. C. Porto-Académico; 2 — Um "canto" contra o Boavista no seu encontro com o Salgueiros; 3 — O 6.º "goal" marcado pelo F. C. Porto
(fotos Hermann)



3